4.º *Trabalho colectivo livre*, em que as crianças são entregues a si próprias e tomam decisões comuns. É o «método dos projectos» de JOHN DEWEY e de ELLSWORTH COLLINGS. A ordem da Escola, a autonomia, trabalhos manuais, visitas e excursões, preparações de peças de teatro, representações scénicas tôdas as semanas, por uma classe a tôdas as demais e reciprocamente; saraus para as famílias; exposições; vendas;—tais são as actividades livres que nascem do próprio ambiente das crianças. Os adultos também intervêm nêstes trabalhos, mas, apenas, como auxiliares, conselheiros, e nunca para mandar, para impor a sua opinião.

Bibliografia da «Escola Internacional».

École International de Génève—Rapports annuels—1922-1926; 1926-1927; 1927-1928.

École Internationale sous le patronage du Bureau International des Écoles Nouvelles.

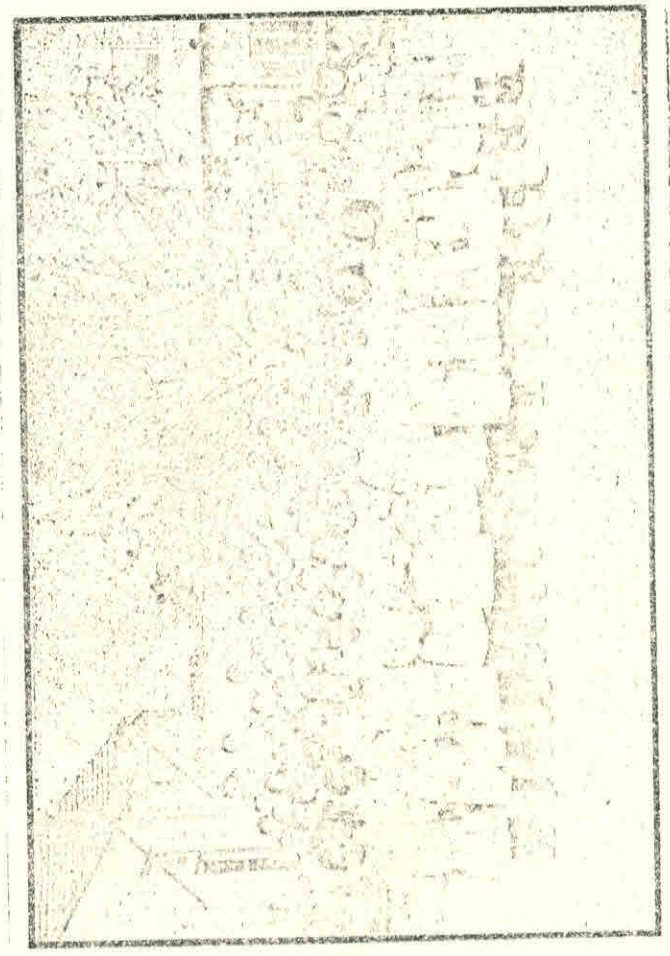
The International School-Geneva-Switzerland.

97 — A Escola Social em Portugal—De tôdas as espécies de escolas scientistas de que temos mostrado as respectivas caraterísticas, a única que existe em Portugal é a Escola Social. É seu protótipo a Escola-Oficina N.º 1, situada em Lisboa (Largo da Graça, 58).

A sua origem remota data de 1876. «Nêste ano e a requerimento de JOSÉ GREGÓRIO da ROSA ARAUJO foram aprovados os estatutos de uma associação de beneficência denominada «Sociedade promotora de Creches», com sede em Lisboa, nas Escolas Gerais, e com o fim de alimentar e guardar durante o dia as crianças menores de 4 anos, filhas de mães que trabalhassem fora dos seus domicílios, por serem pobres».

Em 1902, no 1.º de Julho do referido ano, tomou posse da administração da Sociedade uma nova gerência, que, inteirando-se da situação económica e financeira da Sociedade, começou por reformar a sua lei estatuinte, tornando mais latos os fins da primitiva instituïção, e criando desde logo a sua *1.ª Escola Oficina*, sob os mais modestos auspícios.

A Escola, a princípio, vegetou improgressiva; e tais foram as dificuldades a vencer, especialmente devidas ao processo de ensino implantado, novo inteiramente no nosso meio social e escolar, que até nos primei-



UM GRUPO DE ALUNOS DA ESCOLA OFICINA N.º 1

ros tempos, nem alunos tinha em número suficiente para uma freqüência regular. Má era também a casa da Escola; difícil a escolha de professores e precária a situação económica. Tudo se venceu.

Em 1904, são reformados os seus estatutos e passa a denominar-se «Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas» e os seus fins são alargados.

No ano seguinte sofre novo impulso e para o citado edifício do Largo da Graça vem das Escolas Gerais, a Escola-Oficina n.º 1.

Começa então, verdadeiramente, o período progressivo dêste estabelecimento educativo.

No ano de 1906 é renovado o seu corpo docente, que elabora um *plano de estudos*, onde se estabelecem normas pedagógicas e uma ordem pedagógica das matérias, sôbre os princípios dos centros de interesses e de associação de ideas — que são uma revolução no nosso meio pedagógico, ainda aferrado à rotina do ensino clássico do A B C e à cultura formal—tipo liceal.

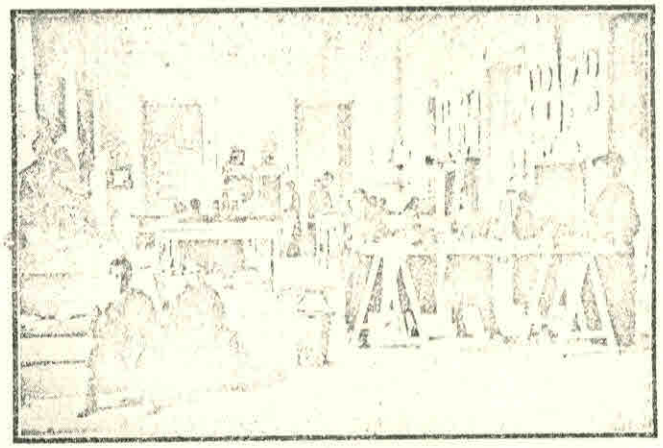
Era então uma escola gratuita, sustentada por cotas mensais de 10 centavos, por donativos particulares, e outros recursos, como benefícios em teatros, etc. Quando, nesta data, entramos para o seu corpo docente, o nosso ordenado *mensal* foi de 3 escudos...

«E' no início do ano lectivo de 1907-1908 que verdadeiramente se acentua o progresso desta instituïção educativa. As dedicações afirmam-se, e cada qual porfia em contribuir melhor e mais para o seu engrandecimento. Os recursos económicos começam a permitir que alguma coisa se faça» e, passados dois ou três anos a *Escola-Oficina n.º 1* começa a ser citada como um modêlo...

Sob a mesma orientação pedagógica que ditara o *plano de estudos* se foram modificando as tradicionais aulas, tornando-se oficinas, laboratórios, gabinetes de trabalho, cozinha, etc., fazendo-se desaparecer o famigerado estrado em que o professor rotineiro pontificava entronizado; substituindo as turturantes carteiras por cadeiras e mesas de trabalho; sistematizando e organizando os trabalhos manuais, pondo-os como base e método de tôdas as disciplinas; abolindo as notas e os exames, os prémios e os castigos, as formaturas; acabando com as férias e feriados; fixando o ano lectivo de Janeiro a Janeiro; desenvolvendo o sistema das excursões como elemento educativo, organizando pela primeira vez entre nós as exposições escolares dos finais do ano lectivo; estabelecendo aulas facultativas, criando, em Portugal, o verdadeiro «Teatro escolar»; criando o tipo de associações escolares português chamado «Solidárias» e inaugurando assim, entre nós, a autonomia dos educandos e uma educação genética, funcional, dinâmica, activa e social.

Em 13 de Fevereiro de 1909, funda-se a associação dos alunos a «Solidária».

Em Dezembro realiza-se a exposição dos trabalhos escolares executados nêsse ano como prova final e pública do aproveitamento dos alunos.



AULA DE TRABALHOS MANUAIS

Em 1910, dada a grande quantidade de pedidos de admissão, alarga-se a lotação, e permite-se a matrícula a alunos pagantes, sem prejuizo dos gratuitos.

Nêsse mesmo ano, em 1 de Junho, «A Solidária» inaugura o «Lanche-escolar», e promove várias festas.

Em 1912, os estatutos são reformados e a sociedade proprietária da Escola-Oficina n.º 1 passa a chamar-se «Sociedade Promotora de Escolas».

Nêsse mesmo ano faz-se igualmente uma remodelação do *plano de estudos*.

Em Janeiro de 1913 passa a haver o regime coeducativo de sexos, em que, tanto rapazes como raparigas,

estão inteiramente equiparados em todos os estudos, sem excepção alguma.

Nêste ano organiza uma «Colónia de Férias», permanecendo os alunos durante o mês de Setembro num lugar perto de Pero Pinheiro, de nome Sapataria.

Ainda nêste ano e em 1917 há novas reformas de estatutos.

Pelos seus planos de estudo, verifica-se que a Escola-Oficina n.º 1, visava e visa uma educação integral, harmónica, activa e social.

Da introdução dêstes «planos» destacamos os passos reveladores da sua orientação e ideal pedagógico-social.

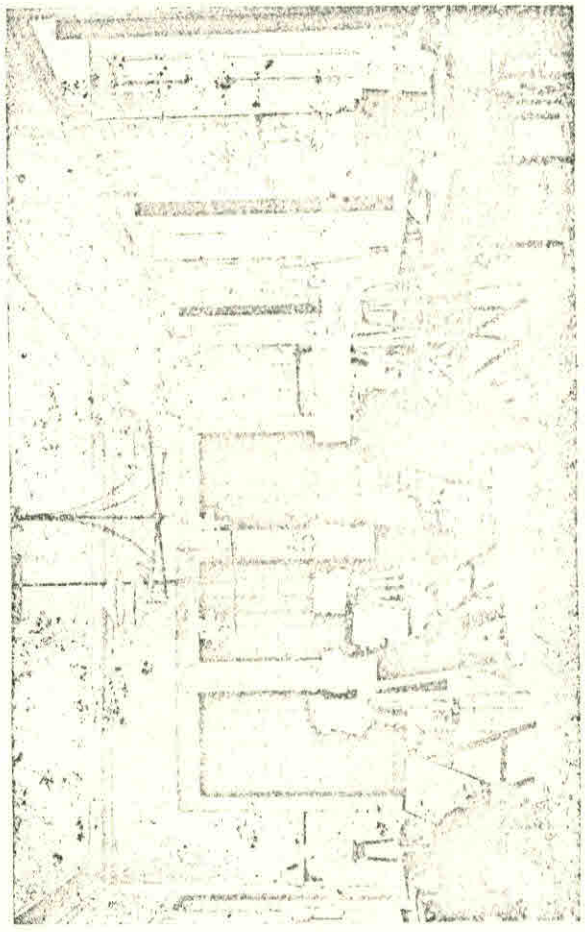
«A instrução, para ser efectiva, deve excitar e incitar a inteligência a procurar a verdade, sem precepitação, sem ideas preconcebidas, nem dogmas, com sinceridade portanto, criando, finalmente, o desejo de saber sempre mais como conseqüência de alguma cousa já sabida.

«A instrução assim compreendida, e a formação do critério e da iniciativa, são propriamente o trabalho da educação intelectual, a que tão intimamente se liga a educação moral, que difícil é extremar nitidamente os respectivos campos de acção.

«Na verdade, sem que a iniciativa e o critério afastem o indivíduo do automatismo, da sujeição às ideas e às acções dos outros e até às ideas do passado, preconceitos, salvando-o do cáos intelectual das maiorias, como levá-lo a compreender e formar a sua dignidade própria? Ensiná-lo a procurar a verdade, despertar-lhe o desejo de saber, é também fortificar-lhe e libertar-lhe a vontade: ensiná-lo a querer por si próprio, sabendo o que deve e pode querer, na firme intenção de o realizar. O conhecimento das cousas da vida, a independência e a vontade conduzem à idea da responsabilidade dos actos próprios, à idea do dever, à coragem para a luta social e, do mesmo passo, aproximam os indivíduos, naturalmente sociáveis, tornando-os solidários».

«A cada modo de conceber a educação deve corresponder um modo de a praticar, um regime escolar próprio. E se ao sistema de num só molde lançar todo o barro das inteligências infantis para nêle reproduzir iguais todos os exemplares a dar à vida, corresponde, por necessidade, o regime da feroz disciplina de caserna e da palmatória, ao método de interessar o aluno pelo estudo, formando de cada um um indivíduo característico, deve corresponder um regime de alegria, amor, franqueza e liberdade, ao mesmo tempo que de responsabilidade e trabalho.»

«As aulas devem ser lugares higiénicos, confortáveis e alegres sem o vulgar aspecto de jaulas, de prisões apartadas da vida; o seu mobiliário simples e cómodo, sem carteiras a deformarem os corpos, nem bancadas, obrigando muitos alunos à mesma posição



AULA DE DESENHO

sem púlpitos, dando ao professor lugar privilegiado; as paredes, ornadas de quadros simples e instrutivos; reproduções de obras de arte, etc.»

«A pontualidade nos trabalhos escolares deve obter-se por

hábito consciente do aluno e exemplo do professor, dispensando-se quaisquer avisos para comêço e fim das lições.»

«Professor e alunos devem ter a liberdade de escolher e ocupar os lugares que, em cada momento, mais convenham ao seu trabalho ou ao seu bem estar.»

«Hão de abolir-se conpletamente formalidades que nada significam e conduzem ao automatismo incriterioso, assim como silêncios rigorosos, que refreiam, perigosamente, a livre expansão da vida infantil, não produzem atenção dos ouvintes e levam à impostura.»

«Todo o estudo deve ser feito durante as lições, praticamente: passar lições é destruir todo o trabalho da aula; usar de compêndios é criar o hábito nefasto de substituir a definição ao objecto e a fórmula do que não se conhece ao conhecimento directo.»

Tanto mais interêsse pelo estudo e mais proveito da lição terá o estudante, quanto mais conseguir o professor fazer-lhe esquecer esta sua qualidade, não tomando ares de revelar sciência oculta, mas de palestrar, com bonomia e simplicidade, de cousas fáceis e já de todos conhecidas; quanto mais conseguir que seja o aluno quem pregunte, quem indague dos fenómenos, das cousas e das ideas, que ele terá o tacto de fazer aparecer natural, espontaneamente na lição, sem a criança suspeitar do artificio: seja ela quem forme, formule, critique e corrija a própria opinião. Dêste modo, o tempo da lição parecerá rápido, e esta será tão atraente, que o aluno desejará a seguinte.

«A completa imparcialidade do professor é uma necessidade imperiosa: aproveitar a maleabilidade de cérebros infantis para semear ideas e opiniões, próprias ou de seita, de ordem política ou religiosa, seria além de covardia, prejudicar todo o restante trabalho educativo.

Deve o educador ter sempre em vista que a sua missão não consiste em formar indivíduos *iguais* a êle, mas auxiliar a formação de caracteres individuais e firmes, *melhores* do que nós.

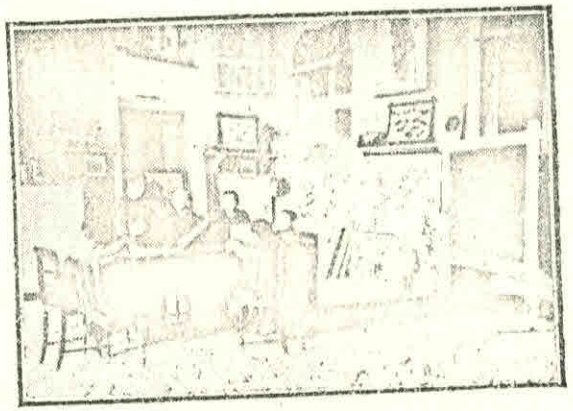
«Mantenha-se a disciplina pelo bem-estar, pelo amor ao estudo, pelo brio, pela noção do dever e da responsabilidade, pela compreensão dos prejuizos que a desordem causa ao proprio perturbador e aos outros; nunca pelo autoritarismo despótico que algema a espontaneidade, a iniciativa e a liberdade de acção das crianças.

Em resumo: faça-se da escola um lugar de prazer, pela alegria, pelo interesse de saber, pelo bem-estar afectivo; das classes, grupos solidários pela mutualidade de serviços que se prestam professor e alunos, centros de atracção, núcleos de trabalho e de energia.

«Depois do que dissemos sôbre educação e regime escolar, em geral, pouco temos a acrescentar sobre o caso especial: o presente *plano de estudos* e a *Escola-Oficina N.º 1*, como escola de educação primária e de educação profissional.

Bastará dizer que a educação profissional deve acrescentar-se e ligar-se àquela, sem a enfraquecer, restringir ou, doutro modo, alterar; que a sua orientação educativa e o seu regime escolar devem ser os mesmos aplicados ao ensino técnico.

«O *curso de entalhador*, na Escola-Oficina N.º 1, compõe-se do seguinte:



AULA DE SOCIOLOGIA

Educação geral primária: Gimnástica, Português, Francês. — Noções práticas rudimentares de: Aritmética, Física, Química, Botânica, Zoologia e Higiene, Sociologia.

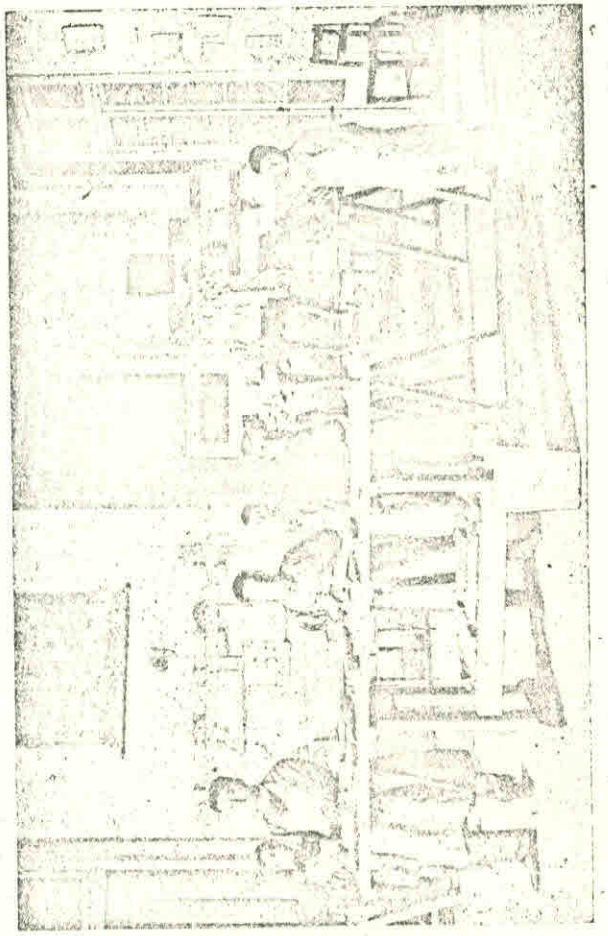
Educação profissional: Desenho, Construção de mobiliário, Trabalho de talha.

— Estes estudos são completados com Missões Escolares, tendentes a desenvolverem os conhecimentos dos alunos e a sua educação profissional e artística.

— O curso desenvolve-se em seis graus (que, em geral, devem corresponder, na prática, a seis anos de estudo).

Êste primitivo plano foi desenvolvido, completado e corrigido, e, em 1912, elabora-se um segundo plano em que a Escola perde o seu carácter acentuadamente

profissional, para tomar definitivamente um carácter de escola primária superior, isto é, de natureza geral e técnica, com secções de préaprendizagem.



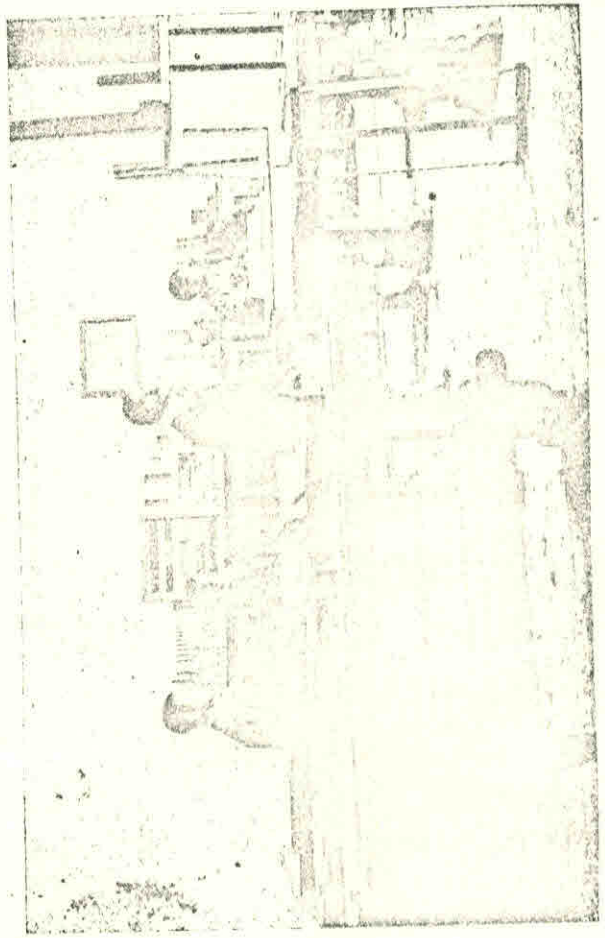
AULA DE TALHA

«O curso da *Escola-Oficina n.º 1* divide-se em cursos profissionais de aprendizado e num curso especial primário e de praticante de escritório.

«O curso é todo igual até ao 3.º grau, que corresponde ao 1.º grau da instrução primária.

«Do 4.º grau em diante diversificam-se as especialidades conforme as aptidões dos alunos, e a parte geral excede o 2.º grau da instrução primária.

«A educação geral primária compõe-se de:



AULA DE MARCENARIA

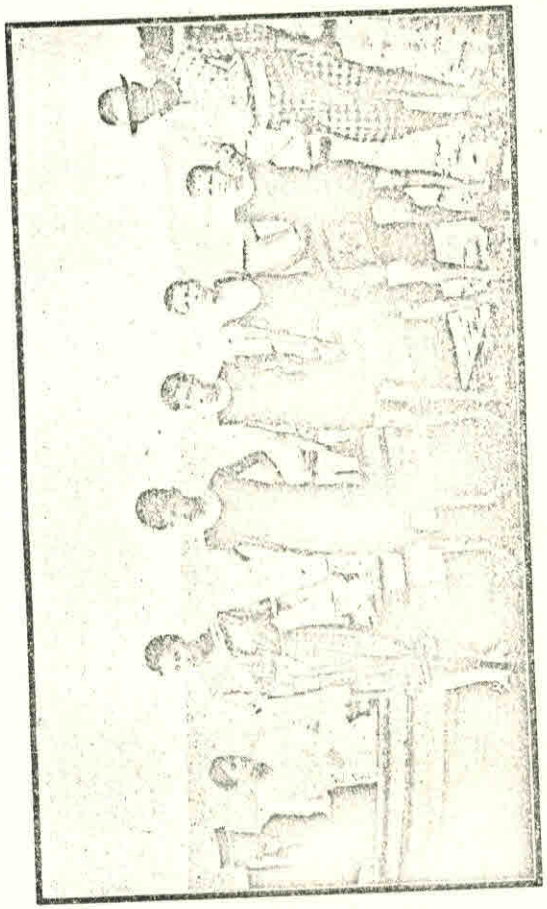
Português, Francês, Noções práticas rudimentares de: Aritmética, Física, Química, Botânica, Zoologia, Biologia, Higiene.

Princípios rudimentares de Sociologia: Geografia (território) História (população), Educação social.

MONICA PINTO PEREIRA

Trabalhos manuais educativos, Música-canto coral, Gimnástica sueca.

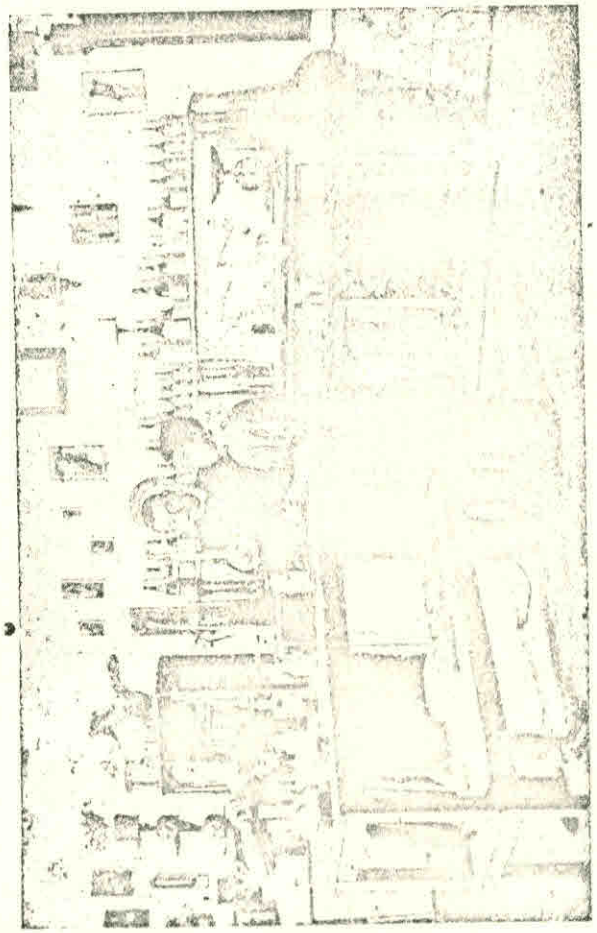
A educação pré-profissional compõe-se de: Desenho, Modelação; Construção de mobiliário, Torno em madeira, Talha.



GRUPO DE NATAÇÃO

Os cursos profissionais de pré-aprendizado são: *a*) de marceneiro-entalhador; *b*) de marceneiro; *c*) de torneiro de madeira; *d*) de escultor-estucador.

«Estes estudos são ministrados sem livros e completados com excursões e missões escolares, tendentes a desenvolverem os conhecimentos dos alunos e a sua educação profissional e artística.



AULA DE SCIÊNCIAS

«Qualquer dos cursos desenvolve-se em seis graus que, em geral, devem corresponder, na prática, a seis anos de estudo.

«Este plano de estudos é o desenvolvimento,—com as devidas correcções da *prática* de seis anos,—do plano de estudos organizado e seguido até agora na «Escola-Oficina n.º 1» e que foi publicado em 1906.»

Este plano ainda sofreu modificações aconselhadas pela prática e pelo progresso das sciências da Educação, e assim quando deixámos de ser professor desta Escola, em 1915, estava organizado um novo plano em que as secções de pré-aprendizado se desenvolviam e aumentavam.

O esquema dêste plano indicava as disciplinas já ensinadas, desenvolvia os trabalhos manuais e criava um curso de economia doméstica, com as disciplinas de Pedagogia maternal e noções de puericultura: de Pedagogio dos trabalhos manuais, e de educação fisiológica.

Os estudos, combinados em diversas proporções, formavam as seguintes secções de pré-aprendizado: entalhador, marceneiro, torneiro, estofador; escultor-decorador; sciências e artes caseiras e trabalhos manuais; sciências e artes culinárias; curso normal de trabalhos manuais.

Este curso, assim organizado, servia também de preparatório, habilitando para a freqüência nos liceus, escolas industriais, e belas-artes.

Também se tentou organizar um curso livre de Pedagogia, mas não chegou a abrir.

A Escola-Oficina N.º 1 foi considerada uma instituïção de utilidade pública pelo govêrno provisório da República.

O diploma do seu curso é oficialmente equivalente ao da instrução primária, quando deveria ser equiparado ao de Primária Superior, como o afirmou o DR. JOÃO DE BARROS.

Alguns professores estrangeiros que a visitaram declararam ser igual e até superior a muitos estabelecimentos modelares das suas nacionalidades. Assim o declarou o ministro dos Estados Unidos da América do Norte, numa entrevista publicada na «Capital» de 14 de Janeiro de 1912. De igual opinião foram uns professores suiços que a visitaram também.

A Escola-Oficina N.º 1 teve também uma revista. Primeiramente intitulada «Educação», de que se publicaram 24 números durante o ano de 1913; depois com o título «Boletim da Escola-Oficina N.º 1», que saiu durante o ano de 1918.

Foi para a Escola-Oficina N.º 1, que LUIS DA MATA escreveu expressamente a letra e JÚLIO CARDONA compôs a música do hino escolar «*A sementeira*».

Este hino foi adoptado juntamente com a «Portuguesa» e o da «Maria da Fonte» para a República Portuguesa. Hoje já não se canta «Oh! Escolas semeai»... Com o tempo tudo esquece... até a própria República e... a Escola que os republicanos da propaganda apresentavam à monarquia como um modêlo...

Bibliografia da «Escola-Oficina N.º 1».

Educação — Revista quinzenal de Pedagogia — 1913.
Boletim da Escola-Oficina N.º 1 — 1918.
Estatutos da Sociedade Promotora de Creches — 1876.
Estatutos da Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas — 1904.
Estatutos da Sociedade Promotora de Escolas — 1913 e 1917.
Relatórios da Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas — 1907-1908; 1908-1909; 1909-1910; 1910-1911; 1911-1912; 1912-1913; 1913; 1914; 1915.
Plano de Estudos para a Escola-Oficina N.º 1 — 1906 e 1912.
Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas — Escola-Oficina N.º 1 — Opiniões de pedagogos, homens de sciência, literatos e estudiosos acêrca da Escola-Oficina N.º 1.
ROCHA MARTINS — *Uma Escola Racional* (Apud «Ilustração Portuguesa — Maio de 1910).
JOÃO DE BARROS — *Pais e Mestres — A Escola-Oficina N.º 1* (Apud «Capital» — Nov. 1911).
EMILIO COSTA — *A Pedagogia na Escola-Oficina N.º 1* (Apud «O Intransigente» — Dez. 1912).
AMARUS — *Uma Revista de Pedagogia* (Apud «O Intransigente» — Jan. de 1913).
A Solidária — Associação Escolar dos alunos da Escola-Oficina N.º 1 — Estatutos — 1910 e 1913 — Relatórios dos anos 1910, 1911-1912.
LUIS DA MATA E JULIO CARDONA — Cânticos Escolares: «*A Sementeira*», «*Liberdade*» e «*Solidariedade*».
Artigos avulsos dos periódicos:
Correio da Europa (31-I-1911).
O Século (21-12-1919; 22-2-1912; 29-10-1912 (Um Exemplo); 7-9-1912.
A Luta (Um estabelecimento modêlo — 27-10-1911, 17-12-1911).
Republica (17-12-1911).

OHS. 5134

Quem hoje passar pelo Largo da Graça n.º 58, verá um edifício, de aparência modesta, em cuja fachada se poderá ler: Sociedade Promotora de Escolas — Escola-Oficina n.º 1. Se o curioso acabar por entrar e visitar a escola, deparará logo à entrada com dois versos que dizem o seguinte: «O Amor, a Vida, a Luz, a límpida verdade, / ó Escolas semeae»! Depois, lá mais para o interior, deparará com uma biblioteca (a sala de leitura Eusébio Delisle e a sala Fernando Rau) um salão de festas com um palco, paredes cobertas com placas de nomes de antigos dirigentes da Escola, alguns bustos modelados em gesso, uma sala-museu com animais embalsamados, um esqueleto, frascos com determinados ingredientes, diverso material didáctico antigo, um jardim, etc., tudo a atestar a existência de uma vida passada e de que hoje só restam os vestígios.

Os dois versos com que o visitante depara logo à entrada fazem parte do poema denominado «A Sementeira», que foi escrito por Luís da Mata. Este poema, musicado por Júlio Cardona, constituía o hino da Escola-Oficina n.º 1, e era muito cantado pelas crianças na festa da árvore, uma festa republicana por excelência. Aqui se transcreve o poema na íntegra, pois ele encerra toda uma filosofia que estava por detrás do ensino que era ministrado na Escola:

I

Por ti a terra espera, ó semeador:
fecunda-a com teu gesto omnipotente!
Não perderás sequer uma semente
Nem teu labor.

A terra é má?... Pois há-de ser melhor
quando o trigo ceifares d'esta semente.
Não percas a coragem, semeador:
fecunda-a com teu gesto omnipotente!

Ó Escolas, semeai... Ó Escolas, semeai...
P'la sementeira espera a cega Humanidade.
Ó Escolas, semeai... Ó Escolas, semeai...
O Amor, a Vida, a Luz, a límpida Verdade,
Ó Escolas, semeai!

II

E quando o sol tiver dourado o trigo,
alguém os bagos d'ouro há-de ceifar,
e voltarão da terra a germinar
no quente abrigo.
Quem ceifará?... Alguém que for contigo
e p'ra quem estás agora a semear.
Não perdes, semeador, o loiro trigo:
alguém os bagos d'ouro há-de ceifar!

Ó Escolas, semeai... Ó Escolas, semeai...
A messe há-de ceifá-la uma outra Humanidade.
Ó Escolas, semeai... Ó Escolas, semeai...
O Amor, a Vida, a Luz, a límpida Verdade,
Ó Escolas, semeai!

A clareza do poema dispensa quaisquer comentários. Quem foi, pois, esta sociedade que criou a Escola-Oficina n.º 1, cujo nome não pode deixar de despertar curiosidade no visitante? Que escola era esta? É o que vamos responder a seguir.

A *Sociedade Promtora de Escolas*, que ainda hoje existe e funciona com os mesmos estatutos de há mais de sessenta anos atrás, é a continuadora de outras sociedades que se fundaram, a saber, a Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas, e a Sociedade Promotora de Creches.

Foi em 29 de Junho de 1876 que um grupo de homens prestigiosos da época, imbuídos do ideal da beneficência, se reuniram em assembleia geral e elegeram os primeiros corpos gerentes da então criada Sociedade Promotora de Creches. Constituíam esses primeiros corpos gerentes as seguintes personalidades:

Presidente da Assembleia Geral — José Gregório da Rosa Araújo.
Vice-Presidente — Vitorino Estrela Braga.
Secretários — Guilherme Augusto Teixeira de Miranda e Manuel José Mendes Júnior.
Membros Efectivos da Direcção — António Luís Ribeiro, Domingos Parente da Silva, Francisco de Almeida Rebelo, Francisco Júlio Cascais e Joaquim José Alves.

Membros Suplentes da Direcção — António Dias Ferreira, António José Condeixa, Domingos Augusto Garcia, Francisco José Coelho e Zófimo Pedroso Gomes da Silva.

Membros do Conselho Fiscal — Francisco Simões Carneiro, José Baptista de Andrade e Manuel Gonçalves Vivas.

Os objectivos desta Sociedade assim criada, estavam claramente expressos nos três primeiros artigos dos estatutos que a seguir transcrevo:

Artigo 1.° — A Sociedade instituída sob a denominação de Promotora de Creches, tem por fim único promovê-las, adquirindo por aluguer, compra ou edificação as casas precisas.

Artigo 2.° — As creches são destinadas a receber crianças de um mês a quatro anos, filhos de mães, que, por serem pobres, trabalhem fora de seus domicílios.

Artigo 3.° — A primeira creche será instituída no bairro oriental.

A ideia da criação de creches não era nova para a época. Ela surgia como consequência do surto industrial e do aparecimento das fábricas, onde operários e operárias passavam praticamente o dia inteiro, deixando os filhos ao abandono. Em 1850 existiam já em Paris e arredores quatrocentas e vinte e oito creches. Em Portugal a primeira creche surgiu em 1862 na cidade do Porto. Em Lisboa existia uma sociedade benemérita denominada Associação das Creches, que instituiu uma creche no Campo Grande. As creches eram criadas em bairros onde existiam estabelecimentos fabris, e por isso a Sociedade Promotora de Creches inscreveu como objectivo estatutário a criação da sua primeira creche no bairro oriental, onde os operários eram em grande número.

E assim sucedeu de facto. No ano 1876, a Sociedade Promotora de Creches inaugurava com grande pompa a sua primeira creche no Largo do Outeirinho da Amendoeira, freguesia de S. Vicente de Fora, com dezoito crianças. Ao acto assistiram o rei D. Luís, a rainha Maria Pia e o então ministro Rodrigues Sampaio. No ano seguinte, em 1877, a Sociedade iniciava a construção de edifício próprio no Largo da Graça, em terreno cedido pela Câmara Municipal de Lisboa, de que era presidente Rosa Araújo, precisamente o principal fundador da Sociedade Promotora de Creches. O projecto foi elaborado e oferecido pelo arquitecto Domingos Parente da Silva, também ele membro fundador. Para construção do edifício foi necessário contrair um empréstimo de dez contos de réis, divididos em mil acções de dez mil réis cada uma, pagas em prestações mensais consecutivas de mil réis.

O edifício ficou pronto em 1878 e para aqui foram transferidos os serviços da primeira creche, que ficou a denominar-se creche de Santa

Eulália, em homenagem à mãe de Rosa Araújo. Do discurso inaugural pronunciado em 10 de Novembro pelo cónego Augusto António Teixeira, destaco as seguintes passagens que bem ilustram a problemática social que se debatia na época:

«Senhores: o sonho mais doirado e esplêndido das almas generosas, a ideia mais acariciada hoje pelos espíritos sérios e elevados, que mais preocupa os homens pensadores, e lhes inspira as mais eloquentes e mais belas páginas, é sem dúvida alguma a ideia da civilização operada naturalmente desde a sua verdadeira origem pela educação das múltiplas e inúmeras famílias de que se compõe o grande corpo da humanidade.

«Pois todos estes bons espíritos, sinceros amigos do povo, e devotados propugnadores dos seus direitos, que modernamente mais se hão interessado pela sorte das classes laboriosas, todos são unânimes em reconhecer e proclamar como indispensável à moralidade, ao progresso e ao bem-estar social, a permanência da mãe de família no lar doméstico. (...)

«Efectivamente, na classe pobre a mulher, que, apesar de pobre, era esposa e era mãe, deixou de ser na realidade uma e outra coisa, desde que o moderno industrialismo, na sua febre de riquezas, a baptizou com o triste nome de: operária!

«Sejam quais forem as vossas ideias, ou as vossas preocupações a este respeito, senhores, eu as acato sinceramente; contudo dizei, se vos apraz, dizei que mãe é essa, que ofícios de mãe pode assegurar essa pobre mulher, que todos os dias, ao romper da manhã, ao bater-lhe à porta a pesada mão de um trabalho sem trégua e sem entranhas, é arrancada de ao pé do berço dos seus filhos, e só à noite pode novamente encontrar-se com eles? (...)

«Não. Nestas tristes, nestas deploráveis condições, a mulher não é verdadeiramente a mãe dos seus filhos, é apenas uma adventícia, uma forasteira no lar doméstico. No lar doméstico, disse eu. Mas aonde está o lar da família operária, dessa pequena tribo nómada, que em parte alguma lança raízes, e deixa vestígios da sua passagem? Na oficina ou na fábrica, onde o esposo e a esposa, sempre segregados, e como que divorciados um do outro, em vez do choro e do lamento de seus filhos, só ouvem o estrondo do trabalho, e não raras vezes o estrondo das blasfémias?... No asilo, ou na creche, que a caridade, sempre compassiva e previdente, erigiu para recolher e amparar seus filhos? Ou, enfim, nesse duro leito de Procusto, nesse cubículo escuro e acanhado, erigido como uma tenda para o escuro de uma só noite, conforme a expressão de Isaías! (...) Triste, pois, senhores, triste filho o da classe operária das grandes cidades, dos grandes centros da indústria, que quase não tem lar, e quase não tem pais. (...)»

Em 1881 a Sociedade Promotora de Creches, contando com mais de 500 sócios, continuava a manter a creche, que albergava cerca de 50 crian-

ças. Não tinha, porém, fundado mais qualquer outra creche, e as dificuldades económicas, que estão sempre por detrás do fracasso das ideias mais altruístas, iriam originar o fim da sociedade. Em 1903 a creche já não pode manter-se por falta de fundos, e a Sociedade vê-se obrigada a alugar o edifício da Graça à Provedoria do Asilo Municipal.

A SPC transfere, então, a sua sede, a título precário, para a Rua dos Remédios, 164-1.°, onde funcionava a Academia de Instrução Popular.

A 26 de Abril de 1904 realiza-se uma assembleia geral que aprova novos estatutos, alterando a designação de Sociedade Promotora de Crecres para Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas. Os quatro primeiros artigos dos novos estatutos, aprovados por alvará do Governo Civil de Lisboa em 30 de Agosto de 1904, diziam o seguinte:

Artigo 1.° — A Sociedade Promotora de Creches, cujos estatutos foram aprovados por alvará do Governo Civil de Lisboa em 27 de Junho de 1876, ficará denominando-se Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas.

Artigo 2.° — Os seus fins são: promover a criação de asilos, creches e escolas, podendo para esse fim adquirir por aluguer, compra ou construção, os edifícios apropriados, com autorização superior, sendo por compra.

Artigo 3.° — O edifício que a sociedade possui no Largo da Graça poderá ser adequado aos fins da sociedade, sob a invocação de Santa Eulália, como homenagem ao nome da mãe de José Gregório da Rosa Araújo, sócio fundador, que a esta instituição prestou relevantíssimos serviços.

Artigo 4.° — Para cada asilo, creche ou escola, que a sociedade fundar, se fará um regulamento especial.

A sede desta nova sociedade assim criada é instalada então na Rua de S. João da Praça, 83-2.°, onde é inaugurada no dia 1 de Janeiro de 1905, dentro de uma concepção nova para a época, a primeira escola-oficina — a Escola-Oficina n.° 1 — com a frequência de 4 alunos apenas, mas dispondo já de aulas de desenho, modelação e escultura em madeira.

Em 1906 a Sociedade volta a instalar-se nas salas do seu edifício social sito no Largo da Graça. A Escola-Oficina n.° 1 atinge, a partir de então, larga projecção, não só a nível nacional, como internacional, o que é bem atestado pelas personalidades que a visitam e que constam do livro de honra da Escola.

A 30 de Dezembro de 1910 o Governo Provisório da República faz publicar o seguinte louvor:

«A Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas fundou e tem sustentado em Lisboa a Escola-Oficina n.° 1 que é um notável modelo de

escola popular, onde a educação e o ensino se ministram pelos modernos processos pedagógicos e com a mais inteligente compreensão do que seja o desenvolvimento integral da criança;

«Pelo que manda o Governo Provisório da República Portuguesa, pelo Ministério do Interior, que aquela sociedade seja publicamente louvada pelos seus valiosos serviços prestados ao progresso do ensino e da educação em Portugal» (*Diário do Governo*, de 31 de Dezembro de 1910).

A Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas não fundou qualquer outro asilo ou creche. Criou apenas a Escola-Oficina n.° 1. As disponibilidades económicas mais não permitiram. Por isso surge nova reforma dos estatutos, autorizada por Carta de Lei de 20 de Julho de 1912, que altera a designação de Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas simplesmente para Sociedade Promotora de Escolas, e a considera de utilidade pública. O Governo concede-lhe um subsídio de 6 469,75 escudos (*Diário do Governo*, de 17 de Outubro de 1912), alterado para 8000$00 pelo Decreto n.° 7855 de 30 de Novembro de 1921.

Os actuais estatutos da Sociedade Promotora de Escolas são os mesmos que foram aprovados na Assembleia Geral de 20 de Junho de 1917. Os quatro primeiros artigos dizem o seguinte:

Artigo 1.° — A Sociedade Promotora de Escolas, sociedade de instrução, continuadora da Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas, considerada de utilidade pública pela Carta de Lei de 20 de Julho de 1912, publicada em 22 de Agosto do mesmo ano, resolve reformar, como segue, os estatutos aprovados pela Assembleia Geral de 25 de Janeiro de 1913.

Artigo 2.° — A Sociedade Promotora de Escolas é mantida pelas quotizações dos seus sócios, pelos rendimentos e mais receitas ordinárias ou extraordinárias que puder obter e pelos subsídios que lhe forem concedidos pelo Estado ou corporações administrativas ou particulares.

Artigo 3.° — Tem a sua sede na cidade de Lisboa, no Largo da Graça, 58, podendo transferi-la para outro local dentro da área da mesma cidade.

Artigo 4.° — Para a consecução dos seus fins — a criação e manutenção de escolas e a propaganda por todas as formas de bons métodos educativos — a Sociedade Promotora de Escolas pode adquirir, por aluguer, empréstimo, oferta, doação ou legado, construção ou compra, terrenos, edifícios ou parte de edifícios apropriáveis e utilizar, alugar ou alienar o que possui no Largo da Graça, 58, desta cidade.

ças. Não tinha, porém, fundado mais qualquer outra creche, e as dificuldades económicas, que estão sempre por detrás do fracasso das ideias mais altruístas, iriam originar o fim da sociedade. Em 1903 a creche já não pode manter-se por falta de fundos, e a Sociedade vê-se obrigada a alugar o edifício da Graça à Provedoria do Asilo Municipal.

A SPC transfere, então, a sua sede, a título precário, para a Rua dos Remédios, 164-1.°, onde funcionava a Academia de Instrução Popular.

A 26 de Abril de 1904 realiza-se uma assembleia geral que aprova novos estatutos, alterando a designação de Sociedade Promotora de Crecres para Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas. Os quatro primeiros artigos dos novos estatutos, aprovados por alvará do Governo Civil de Lisboa em 30 de Agosto de 1904, diziam o seguinte:

Artigo 1.° — A Sociedade Promotora de Creches, cujos estatutos foram aprovados por alvará do Governo Civil de Lisboa em 27 de Junho de 1876, ficará denominando-se Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas.

Artigo 2.° — Os seus fins são: promover a criação de asilos, creches e escolas, podendo para esse fim adquirir por aluguer, compra ou construção, os edifícios apropriados, com autorização superior, sendo por compra.

Artigo 3.° — O edifício que a sociedade possui no Largo da Graça poderá ser adequado aos fins da sociedade, sob a invocação de Santa Eulália, como homenagem ao nome da mãe de José Gregório da Rosa Araújo, sócio fundador, que a esta instituição prestou relevantíssimos serviços.

Artigo 4.° — Para cada asilo, creche ou escola, que a sociedade fundar, se fará um regulamento especial.

A sede desta nova sociedade assim criada é instalada então na Rua de S. João da Praça, 83-2.°, onde é inaugurada no dia 1 de Janeiro de 1905, dentro de uma concepção nova para a época, a primeira escola-oficina — a Escola-Oficina n.° 1 — com a frequência de 4 alunos apenas, mas dispondo já de aulas de desenho, modelação e escultura em madeira.

Em 1906 a Sociedade volta a instalar-se nas salas do seu edifício social sito no Largo da Graça. A Escola-Oficina n.° 1 atinge, a partir de então, larga projecção, não só a nível nacional, como internacional, o que é bem atestado pelas personalidades que a visitam e que constam do livro de honra da Escola.

A 30 de Dezembro de 1910 o Governo Provisório da República faz publicar o seguinte louvor:

«A Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas fundou e tem sustentado em Lisboa a Escola-Oficina n.° 1 que é um notável modelo de

Como funcionava então a Escola-Oficina n.º 1 que tanta fama obteve?

O ensino ministrado era eminentemente prático e racional, visando o desenvolvimento integral da criança que para ali entrava aos sete anos completamente analfabeta e saía cinco a seis anos depois com um vasto conjunto de conhecimentos. O ensino era dado por disciplinas. Havia aulas de português, francês, geografia, sociologia, noções de aritmética, física, ciências naturais, desenho, modelação em barro e construção de mobiliário. A criança era deixada completamente à vontade. Não existia o terror do mestre, o decorar o livro, ou a estúpida emulação. Os alunos davam frequentes passeios fora da escola para contacto com a natureza.

Da escola saíam futuros marceneiros e entalhadores, embora o objectivo da escola não visasse a profissionalização dos alunos.

A escola contava com um excelente escol de professores, entre os quais se encontrava Adolfo Lima, um dos melhores pedagogos do seu tempo, o seu irmão António Lima, Luís da Mata, o engenheiro-agrónomo Lima Basto e o mestre de modelação e talha Vicente de Sousa, mais tarde continuado por José Isidoro Neto e José Pereira.

A escola tinha uma cantina escolar, para a qual os alunos contribuíam com cinco réis diários e que, por eles, era dirigida e administrada. Alunos e ex-alunos da Escola-Oficina n.º 1 fundaram a associação denominada «A Solidária», que mantinha, para além do lanche escolar, uma secção dramática e desportiva. Esta associação organizou também uma colónia de campo que mereceu um louvor do Governo (*Diário do Governo*, de 16 de Setembro de 1913).

Em 1914 foram inaugurados na escola novos cursos de artes domésticas para meninas.

A escola possuía também um corpo clínico que prestava assistência aos alunos.

Entre os instruendos da Escola-Oficina n.º 1 que mais tarde se evidenciaram na vida contam-se o escultor Leopoldo de Almeida, o escritor Manuel Mendes, o pintor José Tagarro, o matemático Francisco Mendes, os professores de música Gonçalves Simões e António Castro Rodrigues, bem com o professor de corografia do Conservatório Nacional Manuel de Oliveira.

A Sociedade Promotora de Escolas não chegou a criar nenhuma escola, uma vez que a Escola-Oficina n.º 1 foi uma criação da Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas. Uma tentativa para a criação do que seria a Escola-Oficina n.º 2 fracassou em Abril de 1929, em virtude de a Sociedade ter decidido, mediante indemnização de dez mil escudos, ceder ao Patronato da Infância as instalações que ocupava em parte do edifício do antigo e extinto convento de S. Salvador.

Com a vinda do Estado Novo abre-se um novo período, todo ele cheio de dificuldades, para a Escola-Oficina.

Para além da retirada do subsídio, o governo publica o Decreto n.º 31 433, de 20 de Julho de 1941, que proíbe a coeducação nos estabelecimentos de ensino. Como a Escola-Oficina era um desses estabelecimentos, a direcção da altura, tendo também em conta as dificuldades económicas com que lutava a Sociedade, decidiu optar pelo ensino do sexo feminino, determinando o encerramento das oficinas. A escola passa exclusivamente ao ensino primário, que é proporcionado gratuitamente a cerca de 70 meninas pobres.

Em 1946 a Escola-Oficina n.º 1 abre ao público infantil uma biblioteca que funcionava diariamente das 16 às 19 horas. Em 1959 teve 12 471 leitores. O grande entusiasta desta biblioteca foi o benemérito Fernando Rau.

O prestígio da Escola-Oficina n.º 1 vê-se ainda pelo facto de a partir de 1945 ter um programa no Clube Radiofónico de Portugal, aos sábados, sob a rubrica «Educação — jornal falado da Escola-Oficina n.º 1», e pelos saraus festivos que organizava com o fim de angariar fundos e em que participavam artistas consagrados.

Com o desaparecimento dos grandes pedagogos e dos grandes «carolas» da Escola, com as dificuldades sempre cada vez maiores em obter fundos para esta obra que era essencialmente uma obra de beneficência, com a consequente redução do quadro do pessoal docente, a Escola-Ofina n.º 1 foi-se distanciando cada vez mais dos objectivos dos seus criadores e decaindo progressivamente.

Em 1973, beneficiando de um subsídio da Fundação Gulbenkian, foi instalado o ensino infantil e pré-escolar.

Hoje, a Escola-Oficina n.º 1 vai sobrevivendo, à espera que um grupo de sócios lhe dê nova vida, lhe reforme os estaututos e os adapte às novas condições da sociedade moderna. Aqui fica um apelo a todos os sócios e amigos da Escola para que se debrucem sobre o futuro desta Escola que tem um passado que a honra.

Lisboa, Dezembro de 1981.

ANEXO 1

Plano de Estudo para a Escola-Oficina n.º 1 (1906)

O curso da Escola-Oficina n.º 1 divide-se em cursos profissionais de aprendizado e num curso especial primário e de praticante de escritório.

O curso é todo igual até ao 3.º grau, que corresponde ao 1.º grau de instrução primária.

Do 4.º grau em diante diversificam-se as especialidades conforme as aptidões dos alunos e a parte geral excede o 2.º grau de instrução primária.

A educação geral primária compõe-se de:

Português Francês Noções práticas rudimentares de:	Aritmética Física Química Botânica Zoologia Biologia Higiene
Princípios rudimentares de sociologia	Geografia (território) História (população) Educação social

Trabalhos manuais educativos
Música-canto coral
Ginástica sueca

A educação profissional compõe-se de:

Desenho
Modelação
Construção de mobiliário
Torno em madeira
Talha

Os cursos profissionais de aprendizado são:

a) de marceneiro entalhador
b) de marceneiro
c) de torneiro em madeira
d) de escultor-estucador

Estes estudos são ministrados sem livros e completados com excursões e missões escolares, tendentes a desenvolverem os conhecimentos dos alunos e a sua educação profissional e artística.

Qualquer dos cursos desenvolve-se em seis graus (que, em geral, devem corresponder, na prática, a seis anos de estudo).

Este plano de estudos é o desenvolvimento — com as devidas correcções da prática de seis anos — do plano de estudos organizado e seguido até agora na Escola-Oficina n.º 1 e que foi publicado em 1906.

PORTUGUÊS

1.º GRAU

1.ª Turma:

Conversação, para escrupulosa correcção da pronúncia e da construção oral.

Iniciação nas primeiras letras.

Iniciação na escrita ambidextra, na ardósia.

2.ª Turma:

Primeiros ensaios de leitura. Explicação, pela professora, do sentido das palavras lidas.

Exercícios de ditado de palavras, com o abecedário móvel e cópia na ardósia.

Escrita ambidextra, em papel (exercícios de caligrafia).

3.ª Turma:

Exercícios de leitura de pequenos trechos e de diálogos simples, para aprendizagem das diversas entoações da linguagem. Explicação de palavras pelo aluna, e de frases pela professora.

Leitura de contos pela professora e repetição oral pelo aluno do que ouviu ler.

Exercício de ditado de frases com o abecedário móvel e cópia na ardósia e em papel.

Escrita ambidextra em papel (exercícios de caligrafia).

2.° GRAU

Escrupulosa e constante correcção da articulação e pronúncia das palavras e da construção oral. Leitura de autores contemporâneos, de pequenos diálogos infantis e leituras de manuscritos.

Explicação e interpretação oral, pelo aluno, das frases lidas e explicação e interpretação pela professora do trecho lido.

Uso do dicionário, na explicação do sentido das palavras lidas.

Exercício de ditado, em papel, de pequenos trechos e correcção dos erros por parte do aluno, por meio da consulta do dicionário.

Primeiros exercícios de pontuação.

Escrita ambidextra em papel (exercícios de caligrafia).

3.° GRAU

Escrupulosa e constante correcção da articulação, entoação e inflexão das palavras e da construção oral.

Leitura de autores contemporâneos e do século XIX. Leitura de diálogos ou peças de teatro, em prosa (lendo cada aluno a parte de uma personagem).

Interpretação oral e escrita do trecho ou da obra lida.

Exercícios de composição, relatórios de composição, relatórios de excursões, descrições de lugares muito conhecidos do aluno, de estampas, etc. Cartas familiares e simples.

Observação de analogias morfológicas, sintácticas a propósito de frases expressamente formuladas ou escolhidas para esse fim.

Exercícios de ditado. (Um aluno, por escala, ditará aos seus colegas e indicará depois os erros, que eles corrigirão por meio da consulta do dicionário).

Exercícios de pontuação.

4.° GRAU

Leitura de autores dos séculos XIV a XIX. Leitura de peças de teatro em verso e como no grau antecedente.

Interpretação oral e escrita do trecho ou da obra lida.

Exercícios de composição: relatórios de excursões, descrições de um passeio, de uma peça de teatro, de um espectáculo, etc. Descrição de um objecto, de uma estatueta, de bilhetes postais ilustrados, de estampas, etc. Cartas familiares, de felicitações, de pêsames, de conselhos, de censuras, etc.

Exercícios de ditado como no grau anterior. Deduções de regras gramaticais dos muitos exemplos de analogia apresentadas (sem decorar as fórmulas).

5.° GRAU

História da literatura portuguesa, pela leitura metódica de obras típicas das diversas épocas literárias acompanhada de indicações históricas sobre o meio e os autores.

Recitação de pequenas poesias, modelos das diferentes composições poéticas.

Exercícios de composição: descrições de monumentos, narrativas de viagem, contos e pequenas histórias, baseadas em provérbios. Biografias. Cartas comerciais. Corrigir frases incorrectas, quer gramaticalmente, quer de sentido. Simplificação de frases, procurando dar expressão ao mesmo pensamento com o menor número de palavras, ou por outras sem alterar o significado da frase.

Completar frases onde haja palavras omissas.

Passagem de poesias para prosa.

Leitura de gramática.

6.° GRAU (só para o curso especial)

Recapitulação do grau anterior.

Vistas de conjunto de cada uma das épocas literárias e classificação das respectivas obras pela sua análise e crítica.

Noções de verificação baseada na leitura. Composição e derivação de palavras (casos muito simples). Estudo sobre sinonimia por meio de frases e exemplos.

FRANCÊS

1.° GRAU

1.° Turma:

Conversação francesa durante a aula de trabalhos manuais e sempre que a respectiva professora tiver de falar com o aluno.

2.° Turma:

Conversação francesa durante a aula de trabalhos manuais.

Ensino oral e escrito na ardósia dos nomes dos dias da semana, dos meses, numeração até vinte e de alguns nomes dos principais objectos da aula.

3.ª Turma:

Conversação francesa durante a aula de trabalhos manuais.

Ensino oral e escrito na ardósia de nomes de objectos, de numeração até cem e de pequenas frases.

2.º GRAU

Conversação francesa. Ensino oral e escrito na ardósia de nomes de objectos e de pequenas frases usuais.

Explicação em francês por parte do aluno de estampas especialmente destinadas a esse fim.

3.º GRAU

Conversação francesa. Nomes de objectos e coisas; pequenas frases feitas pelo aluno.

Ensino de leitura de prosa e ditado. Ensino de pequenas frases. Numeração até mil.

4.º GRAU

Conversação francesa. Leitura de prosa e versos de autores modernos. Tradução e interpretação das frases e trechos lidos. Ditado de pequenos trechos, chamando a atenção do aluno para a formação do género e número em que estão as palavras e dos tempos dos verbos e sua comparação.

5.º GRAU

Repetição da matéria do grau antecedente.

Exercícios de correcção de frases incompletas e incorrectas, chamando a atenção sobre as regras gramaticais.

Exercícios de redacção. Curso especial (4 aulas por semana).

Exercícios de redacção desenvolvidos.

Retroversão de trechos portugueses para franceses.

6.º GRAU (Curso especial)

Generalidades sobre história da literatura francesa por meio da leitura dos seus principais autores e sua apreciação oral e escrita em francês por parte do aluno.

ARITMÉTICA

1.º GRAU

1.ª Turma:

Contagem até 100 de objectos, de paus, bolas, palitos, etc.

2.ª Turma:

Escrita e leitura de números até 100 por meio de algarismos móveis.
Iniciação nas operações aritméticas por meio de objectos, de paus, etc.
Leitura do relógio.

3.ª Turma:

Escrita e leitura de números na ardósia, com referência sempre a uma quantidade de certos e determinados objectos.

Por meio de problemas muito simples e recreativos, tirados à vida escolar ou social, exercícios das quatro operações — somar e multiplicar, diminuir e dividir.

Contagem e troca de dinheiro por meio de compras e vendas. Uso das medidas usuais: metro, litro e balança, colocando-se os alunos na situação de comerciante e consumidores, vendendo e comprando aos seus camaradas

2.º GRAU

Operações sobre inteiros e decimais, derivados de problemas simples e recreativos.

Trabalhos práticos: continuação e desenvolvimento dos trabalhos do grau anterior.

Medições de terrenos e do edifício.

Pesagem e distribuição de rações na cantina da Escola «A Solidária».

Cobrança de quotas da associação escolar «A Solidária».

3.º GRAU

Problemas determinando operações sobre quebrados, números complexos, sistema monetário dos principais países: câmbio.

Fundamento e encadeamento dos sistemas de medição e pesagem e suas equivalências.

4.° GRAU

Recapitulação — Problemas determinando operações sobre: regra de três simples, medidas itinerárias usuais.

Estudo e emprego doutras medidas usuais: medidas inglesas.

5.° GRAU

Problemas determinando operações sobre: regra de três simples e composta, juros, companhia e liga.

6.° GRAU (só para o curso especial)

Síntese dos conhecimentos adquiridos. Exercícios práticos das principais operações do comércio. Prática do cálculo comercial — contas correntes.

Noções elementares de escrituração comercial. Livros principais e livros auxiliares. Sua escrituração. Escrita da associação escolar «A Solidária».

NOÇÕES PRÁTICAS RUDIMENTARES DE FÍSICA, QUÍMICA, BOTÂNICA, ZOOLOGIA, HIGIENE

Noções de coisas

1.° GRAU

1.ª Turma:

Palestras recreativas para explicação dos objectos de uso comum.

2.ª Turma:

Explicação de coisas, por meio de exemplares à vista, a propósito da leitura e dos factos ocorridos na aula.

2.ª Turma:

Educação experimental dos sentidos.

Tratamento de plantas; cultura e sementeira; jardinagem em canteiros individuais. Coleccionamento dos respectivos produtos.

Criação de animais domésticos: galinhas, pombos, coelhos, cabras, ovelhas, bichos da seda, abelhas. Conhecimento dos respectivos produtos: ovos, leite, queijo, manteiga, lã, seda, mel, etc.

Palestras recreativas tendentes a destruir preconceitos — como por exemplo sobre o pardal, o sapo, as flores, os frutos — e a interessar o aluno pela vida dos animais, das plantas e da natureza em geral.

Experiências simples, descritivas e exemplificativas dos trabalhos feitos e noções derivadas destes, tais como:

Conhecimento do local e de tudo que impressiona os sentidos; os três grupos da natureza: mineral, vegetal e animal.

Estados dos corpos: sólido, líquido e gasoso. Alterações destes estados.

Conhecimento do próprio indivíduo; partes externas do corpo; situação e função dos principais órgãos internos e em especial dos da alimentação. Higiene da alimentação, da respiração e do corpo humano; utilidade da ginástica.

Conhecimento do que nos é preciso; necessidades: alimentação, vestuário e habitação; relações sociais. Modo de satisfazê-las: agricultura (o campo, a terra, a sementeira, a plantação, a enxertia, as regras, as culturas, os vinhos, as árvores frutíferas, os legumes, as hortaliças) trabalhos essenciais, épocas, estrumes e adubos; criação de animais úteis à agricultura.

Descrição sumaríssima e rudimentar dos materiais das principais indústrias: ferro, aço, zinco, cobre, chumbo, barro, hulha (gás e tinturaria), algodão, linho, cânhamo, gomas, resinas, borracha, café, açúcar, pão, etc.

Inimigos e obstáculos: indicação e explicação rudimentar dos fenómenos meteorológicos: chuva, vento, trovoada, secas, trombas, tufões, ciclones, e dos fenómenos geológicos: tremores de terra e vulcões; dos animais e plantas nocivas à agricultura e ao homem; micróbios; o ar e a água como condutores.

Lição prática de coisas

2.° GRAU

Continuação e desenvolvimento das matérias do grau anterior. Palestras anedóticas sobre a vida dos animais. Factos históricos que tenham relação com os conhecimentos adquiridos. Notas humorísticas para monemónica.

Trabalhos práticos, experiências demonstrativas com material simples — tais como uso do termómetro, do fio de prumo, balanças, litro, níveis, areómetros, bússolas, pilhas, etc., fabrico de manteiga, queijo, pão, etc.; cultura de beterraba, fabrico de açúcar; destilação, álcool, perfumes, etc.; colecções de produtos; projecções, etc. — como ponto de partida para o ensino simultâneo das seguintes noções:

Observação sobre o que nos rodeia:

O SOLO — Relevo do terreno — Planícies e montanhas. Solo e subsolo. Qualidade dos terrenos.

Produtos tirados ao solo — Em bruto ou industrializados. Rochas calcárias, siliciosas, combustíveis, cristalinas. Pedras preciosas e falsas. Água. Sal. Minerais — propriedades e usos; ligas e moedas.

ATMOSFERA — A água na atmosfera; nuvens, nevoeiros; a água no solo, fontes, regatos, riachos e rios. Marés; água sólida — gelo e geleiras.

AS PLANTAS — Árvores, arbustos e subarbustos. Plantas que dão e que não dão flor. Frutos comestíveis e não comestíveis. Como crescem as plantas (germinação); quais as condições necessárias para o seu desenvolvimento: água, ar e luz; como se nutrem, respiram e transpiram; como circula a seiva; como se reproduzem — semente, tubérculo e bolbo. Partes componentes do embrião.

Utilidade das plantas — plantas industriais, alimentícias, condimentosas, venenosas, medicinais, etc. Indígenas e exóticas — Produtos extraídos das plantas.

OS ANIMAIS — Os animais mais úteis. Produtos extraídos dos animais.

Observação, explicação e iniciação nos pequenos factos da vida diária que se baseiam nos seis sentidos, como por exemplo:

Mudança de estado; temperatura, tacto; comparação das temperaturas — frio e calor; condutibilidade. Efeitos do calor sobre os corpos; dilatação dos sólidos, dos líquidos e dos gases. Fusão; evaporação; solidificação; dissolução.

Queda dos corpos: movimento, força, gravidade; vertical, linha vertical, centro de gravidade, equilíbrio; força centrífuga; inércia. Peso dos corpos — pesos e balanças.

Propriedades dos sólidos.

Líquidos —densidade; máxima densidade da água — litro. Propriedades dos líquidos. Líquidos sapidos e insípidos. Gosto. Vasos comunicantes. Distribuição das águas — Fontes, repuchos, poços e rios. Pressão — sólidos mergulhados nos líquidos; corpos flutuantes — natação.

Gases — ar atmosférico; ventos; utilidade dos ventos. Diversos gases. Gases sodoríferos e inodosos — Cheiro. Propriedades dos gases. Pressão — pressão atmosférica.

Vácuo.

Som — Ruído e estrondo. — Ouvido. Reflexão; eco, velocidade do som.

Luz — Luz e sombra — Vista — Corpos opacos, translúcidos e transparentes. Reflexão; lentes e espelhos. Decomposição da luz. Cores; arco íris.

Electricidade — Imans. Atracção e repulsão. Electricidade por fricção. Corpos bons e maus condutores. Isolamento. Corrente eléctrica; pilhas. As duas espécies de electricidade. Estado neutro. Electrização por influência. Faísca, raio, relâmpago e trovão. Poder das pontas: pára-raios.

Lição prática das coisas

3.° GRAU

Continuação e desenvolvimento das matérias do grau anterior.

Trabalhos práticos; experiências demonstrativas sobre hidrogénio, oxigénio, azoto e ácido carbónico — Eletrólise.

Montagem de aparelhos. Trabalhos em vidro: dobrar, afilar, cortar, etc., trabalhos com rolhas: furar, adaptar, vedar, etc. Filtrar; decantar.

Enxertar, alporcar, etc.

Preparação do herbário. — Secagem de folhas, folhas e plantas. Preparação de folhas e flores para o desenho.

Dessecar animais: coelhos, pombos, rãs, peixes, etc. Preparação de vísceras; conservação em álcool, formol, etc. Primeiros ensaios de embalsamamento.

Fabrico de dentríficos: pó, água e pastas, etc.

Fundição.

Uso do barómetro, manómetro; sifões, provas de vinhos, etc.

Construção de balões de ar quente, de gás e aeroplanos.

Experiências com a máquina pneumática.

Destilação; montagem dos respectivos aparelhos.

Uso da máquina a vapor.

Registo diário do estado atmosférico. — Previsão do tempo.

Estas experiências são consideradas especialmente aos seguintes fins:

Conhecimento e observação do que nos rodeia:

Decomposição dos corpos julgados simples. A água, sua composição. Corpos dissolvidos na água. Águas minerais. A água e a higiene. Água potável, fervida e filtrada. A água na indústria e na agricultura. Água sólida. Vapor de água; nevoeiro, nuvens, chuva, orvalho, geada e neve.

Composição do ar. Combustão: viva e lenta. Ar puro e viciado. O ar e a higiene. O ar e as plantas. Corpos secundários do ar; gás de carbono; sua presença nas águas minerais e no ar. Asfixia; óxido de carbono; gás dos pântanos. Grisú; minas. Carvões.

Reacções. Fenómenos observados: efervescência, elevação e abaixamento da temperatura; precipitação, cristalização. Combinações e misturas; afinidades, propriedades físicas e químicas. Fenómenos físicos e químicos.

Partes componentes da raiz. Crecsimento; direcção, ramificação, formas, situação. Absorção. Função da água. Seiva bruta. Tuberculização e armazenamento. Função da raiz. Reprodução das plantas: estaca e alporque. Utilidade das raízes. Plantas sem raízes.

Troncos. Folhas e botões. Crescimento, direcção, ramificação. Porte, forma, situação. Tuberculização; rizomas e bolbo. Principal função do caule. Plantas sem caule.

Partes componentes da folha; forma, nervação; folhas simples e compostas; posição. Botões. Queda de folhas. Transpiração. Assimilação.

clorofilina. Plantas parasitas. Respiração. Movimento das folhas. Plantas carnívoras. Modificação das folhas devida ao meio e à função. Utilidade das folhas. Conhecimento da forma, da folha para a sua aplicação ao desenho, talha, etc. Plantas sem folhas.

Botões, bractias. Partes componentes da flor. Origem, folhear da flor. Flores incompletas: masculinas e femininas. Inflorescência. Função da flor; plancentação e óvulos. Fecundação. Meios próprios à flor. Meios incongruentes. Frutificação. Movimento da flor. A flor na sua aplicação ao desenho e à talha. Plantas sem flor.

Partes componentes do fruto. Espécies. Falsos frutos. Infrustecência. Dissiminação dos frutos. Utilidade dos frutos.

Partes componentes da semente. Espécies. Dissiminação das sementes. Utilidade das sementes.

Formas dos corpos dos animais. Vertebrados e invertebrados. Correlação das formas do corpo com o modo de vida. Adaptação ao meio; metamorfoses e mimetismo. Locomoção; emigração. Luta contra o frio e o calor. Influência do meio. Origem do vestuário. Os animais mais notáveis entre as espécies inúteis e prejudiciais.

Disposição dos órgãos interiores.

Conhecimentos e observação sobre o próprio indivíduo.

Conservação do indivíduo. Os alimentos; alimentação. Os dentes; sua importante função na conservação do indivíduo. Higiene dentária; dentífricos; cuidados nas sua escolha. Tubo digestivo; esófago; estômago; intestinos. Uso dos alimentos; bons e maus; regime. A água; bebidas aromatizadas; uso moderado de bebidas fermentadas; bebidas destiladas; álcool. Embriaguês; alcoolismo. Absorção; nutrição; dejecção. Escreções: suor, urina. Circulação: coração; sangue; artérias; capilares; veias; dupla circulação do sangue; pulso. Sustos e congestões. Higiene da circulação. Lesão. Purificação e regeneração do sangue. Pulmões. Troca de gases. Sufocação e asfixia; higiene da respiração. Produção da voz. Contacto do indivíduo com o exterior. Relação dos seres vivos com o mundo externo. Movimento. Órgãos do movimento. Ossos, articulação e músculos. Higiene do movimento; ginástica. Sensibilidade; nervos, cérebro e espinal-medula. Os sentidos: higiene da sensibilidade e dos sentidos.

Observações de factos da vida diária.

Reconhecimento dos gases. Cheiro e cor. Aparelho olfactivo. Propriedade dos gases. Pressão atmosférica; medida da pressão atmosférica. Barómetros. Previsão do tempo. Força elástica; manómetros; dilactação dos gases; ventos; correntes de ar; tiragem das chaminés. Balões de ar quente, motores. Densidade dos gases. Aerostação. Pressão em vários sentidos. Bombas líquidas; aspirantes, elevadores, incêndios; rotativas, etc. Sifões.

Vaporização; evaporização, ebulição; condensação; distilação; liquifacção de alguns corpos gasosos julgados fixos.

Ideia sumária da máquina a vapor. Origens do calor; efeitos, propriedades do calor; irradiação; condutibilidade dos sólidos e líquidos. Aplicação à higiene e agricultura. Calor luminoso e obscuro. Estufas.

Mudança dos estados dos corpos pelo calor; dissolução a frio e a quente. Saturação e sublimação.

4.º GRAU

Recapitulação das generalidades elementaríssimas dos graus anteriores e seu desenvolvimento por meio de exemplares e experiências simples e que estejam de harmonia com a idade dos alunos, sob a seguinte orientação:

Ciências naturais: Matéria — Corpos brutos e vivos. Distinção dos seres. Minerais; cristalização — Mineralogia. Vegetais e animais — Botânica e Zoologia.

Célula; célula vegetal e animal. Vida e morte. Seres uni e pluricelulares. Partes componentes e composição da célula — Uso do microscópio. Multiplicidade — Propriedades: nutribilidade, irritabilidade, reprodutibilidade; divisão directa e indirecta. Fissiparidade; gemiparidade; esporulação.

Tecidos — Tecidos vegetais e animais.

Órgãos — Aparelhos.

Funções — Anatomia e fisiologia.

Seriação da escola vegetal e animal. Formas intermediárias extintas. Grandes animais extintos. Vestígios. Fósseis, Paleontologia.

Família dos macacos e lemures. Macacos e antropóides e antropopitecos.

Homem fóssil — Pré-história.

Família humana — Raças humanas. Antropologia.

Árvores genealógica dos seres organizados. Luta pela vida — Selecção natural. Hereditariedade. Variedade. Atavismo. Correlação do crescimento.

Transformismo — Evolução.

Separação prática dos seres organizados em grupos, classes, ordens, famílias, etc., por meio de exemplares à vista ou de figuras representativas.

Anatomia humana com aplicação ao desenho. — Os músculos; os músculos produtores das expressões. Atitudes. Correlação entre a atitude e a saliência muscular. Veias salientes. Proporções do corpo humano.

Ciências físico-químicas: Mecânica — Propriedades gerais dos corpos. Constituição molecular — Átomo e molécula. Corpo simples e composto. Estados de agregação. Força de coesão e de expansão. Forças: força muscular. Molas. Dinamómetros. Avaliação (processo intuitivo) da igualdade de duas forças e de uma equivalente a duas ou mais forças dadas. Movimento dos sólidos. Movimento das moléculas — vibrações. Fricção e choque — atrito. Transmissão do movimento por meio do choque e ondas. Transmissão de forças e transformação de movimentos por meio

de algumas máquinas simples. Alavancas (sua aplicação em objectos de uso comum), roldanas, rodas de fricção, rodas dentadas — engrenagens; correias sem-fim — tambores; parafusos — parafusos sem-fim; sarilho, cabrestante, molinete, guindaste, macaco. Plano inclinado, cunha, bate-estacas. Conhecimento de algumas máquinas como: serra sem-fim, serra mecânica, torno, etc.

Acústica: Diferentes modos da produção do som. Ondas sonoras. Natureza do som. Inscrição do movimento vibratório — Fonógrafo. Propagação do som — Reflexão; eco. Intensidade. Tubos acústicos, corneta acústica, porta-voz. Sons musicais. Música. Aparelhos musicais. Diapazão.

Óptica: A luz. O sol e a sua influência nos fenómenos vitais. Raio de luz. Feixe de luz. Propagação da luz. Imagens produzidas por pequenas aberturas. Câmara escura.

Corpo luminoso e iluminação. Sombra e penumbra. Projecção de sombras. (Construção do relógio de sol.) Avaliação das alturas. Reflexão. Luz difusa. Reflexo: espelho. Combinações de espelhos. Projecção por meio de reflexão. Uso do megascópio, caleidoscópio. (Construção de um caleidoscópio.)

Refracção. Prismas e lentes. Lupa. Microscópio. Máquina fotográfica. Óculo astronómico. Telescópio. Lanterna mágina e de projecção (uso destes aparelhos). Faróis.

Decomposição da luz. Raios ultra-violeta e infro-vermelhos. Movimento luminoso. Vibrações luminosas. Ondas luminosas. Espectro solar. Espectro das luzes artifciais. Análise espectral.

Recomposição de luz. Cores dos corpos opacos e transparentes. Policromismo.

Visão humana. Estrutura do olho humano. Mecanismo da visão. Duração das impressões na retina. Cromatropo; zootropo. Fotografia instantânea, animatógrafo. Apreciação do relevo. Estereoscópios. Enfraquecimento da vista. Binóculo, lunetas, óculos e monóculo.

Química: Estudo prático dos principais corpos, sua história, seu estado natural: modos de os obter. Propriedades e aplicações às artes, às indústrias, às ciências, à terapêutica, etc.

Hidrogénio. Oxigénio. Oxidação. Noção de óxido e de anidrido. Metais e metalóides — Ozono. Água; águas naturais; água potável; águas minerais. Composição da água. Símbolo químico da água. Ideia dos símbolos. Propriedades da água. Azoto; seu papel na natureza. Ar; ar atmosférico; propriedades do ar. Composição, combinações e misturas. Liquidação do ar. Noção de ponto crítico. Combustões vivas. Natureza das combustões. Aplicação ao aquecimento e à iluminação. Chama, Combustões. Aplicação ao aquecimento e à iluminação. Chama. Combustões lentas. Novos gases no ar. Amoníaco, bases, sais amoniacais. Indústria do frio. Gelo artificial. Azotados naturais. Nitrificação; pólvora; fogos de artifício. Ácido azótico: função do ácido. Sais. Primeiras noções sobre o emprego dos símbolos. Diversos compostos de azoto. Gravura em cobre.

Enxofre; sulfuretos naturais; ácido sulfúrico. Principais sulfuretos. Anidrido sulfuroso. Branqueamento da lã e seda. Desinfecção. Anidrido sulfúrico. Sulfatos naturais. Ácido sulfúrico. Emprego dos símbolos. Nomenclatura dos corpos.

Cloretos naturais. Água do mar. Extracção do sal. Sal-gema. Cloreto de potássio e magnésio. Extracção do sódio e potássio. Electrólise. Sódio; classificação; compostos naturais do sódio. Indústria da soda. Potássio; classificação. Ácido clorídrico. Cloro; principais cloretos. Branqueamento. Fosfatos naturais; composição dos ossos. Emprego dos fosfatos na agricultura. Ácido fosfórico; fósforo vermelho e branco. Fobrico de pavios fosfóricos.

Carbonatos naturais. Indústria da cal. Cálcio. Bário. Estrôncio. Magnésio.

Carbono. Diamante; diamante artificial. Grafite. Combustíveis naturais. Hulha. Origem e propriedades; Sua classificação. Antracite, linhite, turfa. Carvões artifciais. Gás de iluminação, seu fabrico. Produtos da hulha. Gás carbónico, o seu papel na natureza. Fabrico de refrigerantes. Óxido de carbono. Sílicas. Sílico. Principais silicatos. Diversas argilas. Indústria cerâmica; barro, faiança, porcelana. Vidros e cristais. Ácido bórico. Boro. Iodetos naturais. Iodo. Farmácia. Brometos naturais; Bromo. Doenças nervosas. Chapas e papel fotográfico. Fluoretos; ácido fluorídrico. Flúor. Gravura em vidro. Arsénico. Chumbo de caça. Papel mata-moscas. Farmácia.

Empregos dos metais, classficação, ligas. Noções gerais de metalurgia. Principais minerais.

Noções elementaríssimas sobre o rádio e os novos corpos.

Química da fotografia. Preparações de reveladores, viragens, etc.

Farmácia doméstica.

Nomenclateura química.

5.° GRAU

Desenvolvimento dos conhecimentos adquiridos no grau anterior por meio de experiências, excursões, narrativas, etc.

Botânica: Funções de nutrição. Órgãos de vegetação. Os alimentos e a água. Qualidade de terrenos; adubos naturais e químicos. Absorção. Seiva bruta. Transpiração. Subida da seiva. Aspiração, Respiração. Fermentação. Assimilação do carbono. Parasitismo. Reservas nutritivas. Utilização destas para o ser humano. Desassimilação. Produtos da secreção.

Crescimento das plantas, suas condições. Condições externas da vegetação. Plantas indígenas. Geografia botânica: área da vegetação, limites. Disseminação das espécies espontâneas, subespontânias e cultivadas. Adaptação e luta pela vida. Flora portuguesa.

Talófitas — caracteres — Fungos, líquens e algas.

Mucineas — caracteres gerais — Musgos e hepáticas.

Criptogâmicas — caracteres gerais — Filicínias, equisitínias e licopodíneas.

Fanerogâmicas — caracteres gerais — Gimnospérmicas e angiospérmicas. Monocotiledónias e dicotiledónias. Principais famílias.

Zoologia: Evolução e comparação dos diversos órgãos dos animais com os do animal humano e suas respectivas funções.

Anatomia e fisiologia humana. Alimentação: Origem dos alimentos. Alimentação do homem primitivo. Alimentação actual. Alimentos minerais, vegetais e animais.

Conservas alimentícias. Digestão. Órgãos e fenómenos digestivos. Higiene patológica dos órgãos da alimentação. Breves noções sobre micróbios. Carnes tóxicas e com parasitas. Alimentos infecciosos, leite tuberculoso. Esterilização dos elementos inertes e nocivos. Purificação das águas. Higiene das refeições. Regímen. Intoxicações. Primeiros socorros. Falsificações das substâncias alimentares. Algumas doenças do aparelho digestivo. Circulação. Sangue. Órgãos e fenómenos circulatórios. Higiene e patologia da circulação. Breves noções sobre inocluação de doenças contagiosas. Doenças microbianas: difteria, tétano, febre eruptiva, carbúnculo, raiva. Inoculação, pelos insectos, paludismo, peste. Imunidade adquirida: vacinação; seroterapia. Algumas doenças do aparelho circulatório. Respiração — Órgãos e fenómenos respiratórios. Higiene e patologia dos órgãos da respiração — Breves noções sobre: A vida ao ar livre. Habita:ões insalubres. Ar confinado. Aquecimento e iluminação. Ventilação, influência da pressão. Asfixia. Poeiras. Germes inertes e nocivos.

Experiências de Pasteur. Tuberculose. Luta contra as poeiras. Micróbios do ar. Sua destruição, esterilização e isolamento. Excreção — glândulas de excreção. Aparelho urinário. A urina como reveladora de doenças. Análise de urina. Outras excreções: leite, suor, etc., saliva, suco gástrico, etc. Higiene.

Nutrição geral — Assimilação, desassimilação e reserva. Calor animal.

Fonação — Voz humana.

Sistema nervoso: Célula nervosa — Órgãos e fenómenos nervosos. Fisiologia do sistema nervoso. Higiene e patologia do sistema nervoso — Breves noções sobre: excitantes — café, chá, etc.; venenos agradáveis — tabaco, ópio, etc. Bebidas fermentadas: álcool — alcoolismo, sua influência no indivíduo e descendência. Luta contra o vinho e o tabaco.

Órgãos dos sentidos: Tacto — Pele; sensibilidade. Pêlos, unhas, etc. Função da pele, sua higiene, banhos. Parasitas da pele. Gosto — Língua; sensações gostativas. Higiene da boca. Cheiro — nariz, fossas nasais. Musoca nasal. Sensações olfactivos. Higiene. Ouvido — Orelha externa e interna. Higiene. Vista — olhos e partes anexas aos olhos; órbitas, pálpebras, aparelho lacrimal. Glóbulo do olho. Formação das imagens. Acomodação. Defeitos: miopia; ilusões de óptica e outros fenómenos visuais. Higiene.

Locomoção: Esqueleto. Composição química e forma dos ossos. Estrutura; crescimento e atrofia dos ossos. Influência de uma má alimentação.

Raquitismo. Diferença sexual. Articulações. Músculos. Higiene e patologia — Breves noções sobre: Higiene do movimento. Fadiga muscular. Influência do hábito e da ocupação profissional. Atitudes viciosas. Saber estar sentado. Escrita direita. Harmonia das formas. Estética do corpo humano.

Física: Ímans; suas propriedades gerais. Pólos; atracção e repulsão; acção da Terra. Electricidade por fricção; pêndulo eléctrico; electroscópio. Condutibilidade; isolamento. Electrização por influência; poder das pontas. Máquinas eléctricas. Descargas; efeitos. Distribuição; condensação; garrafas da Leyde; bateria. Pilha de Volta. Corrente eléctrica. Intensidade. Força electromotora. Pilhas; electricidade estáctica e dinâmica. Pilhas de Daniell, Buzen, Callaud, Leclanche. Bicromato. Secas. Vontagens; inconvenientes, vantagens e aplicações das diversas pilhas. Associação dos elementos. Campo magnético produzido por uma corrente. Regra de Ampere. Selenóide e bobine. Galvanómetro. Amperímetro. Resistência eléctrica. Reostatos. Derivação; intesidade da corrente nas derivações.

Voltâmetro. Efeitos caloríficos produzidos pelas correntes. Aquecimento dos condutores; aplicações. Corta-circuitos. Iluminação por lâmpadas de incandescência. Arco eléctrico — Montagem de luz eléctrica. Noções sumárias sobre energia eléctrica. Electrolises; aplicações; galvanoplastia prática. Acumuladores; seu emprego. Magnetização pelas correntes; electro-íman; aplicações; campaínhas eléctricas, telégrafos. Indução electrodinâmica; aplicações: telefone. Bobine de Rhu Unkorff; aplicações e efeitos. Descargas em gases rarefeitos. Tubos de Geissler: tubos de Crookes. Raios catódicos. Raios X. Radiografia e radioscopia; aplicação na medicina. Oscilações eléctricas. Telegrafia sem fios. (Montagem pelos alunos de todos os aparelhos indicados.)

Química: Estudo prático dos principais corpos orgânicos; sua história. Estado natural; modos de obter; propriedades, aplicações, tais como: Acitileno, gás pobre. Petróleo, betumes. Anilinas, tinturaria. Essências vegetais; perfumes, resinas, bálsamos, alcalóides vegetais, etc. Celulose: propriedades. Pergaminho vegetal. Algodão, pólvora, colodio; seda artificial; papel. Amido, glúten; fécula; dextrina, glucose, sacarose, fermentação dos açúcares; indústria do álcool, destilação. Bebidas fermentadas. Álcool etílico e metílico. Creosote e ácido pirolinhoso. Éteres. Ácido acéitco; vinagre. Ácidos orgânicos.

Corpos gordos — propriedades gerais; principais corpos gordos e sua extracção. Glicerina, nitroglicerina. Velas e sabões. Seu fabrico pelos alunos.

Matérias albuminóides — suas propriedades e principais matérias albuminóides. Gelatina e colas.

Composição da matéria orgânica; sua putrefacção; fermentação; conservação alimentar e não alimentar. Anti-sécticos; desecação; refrigeração;

carne congelada. Pasteurização. Estudo dos principais alimentos. Aplicação da química à vida doméstica.

6.° GRAU

Recapitulação geral e síntese dos conhecimentos adquiridos.

Botânica: Breves noções sobre: Funções de reprodução. Órgãos de reprodução. Reprodução da célula. Reprodução e multiplicação das talofitas, muscínias e criptogâmicas. Reprodução e multiplicação das fanerogâmicas. Polinização. Meios incongruentes e congruentes da planta. Germinação; sua condições e tipos. Fecundação. Frutificação. Dissiminação das sementes. Multiplicação. Selecção natural e artificial. Duração da vida das plantas. Leitura de obras da Botânica.

Zoologia: Breves noções sobre: Funções de reprodução na série animal. Multiplicação e reprodução. Aparelho reprodutor. Evolução. Oviparidade, ovoviparidade e visiaparidade. Embrião; formas embrionárias e larvares. Metamorfoses. Geração alternativa e heterogénia. Desenvolvimento dos animais.

Leituras de obra de Zoologia.

Anatomia e fisiologia humanas: Noções alementaríssimas sobre: Modificação dos órgãos e funções comuns dos dois sexos. Anatomia das formas da fêmea. Conformação e funções dos órgãos de reprodução. Puberdade; modificações do carácter; histerismo. Higiene da mulher; espartilho, ligas, perfumes, calçado. Casamento, gravidez. Teoria da formação do óvulo. Geração humana; parto; cuidados com a parturiente e sua higiene, assim como a do recém-nascido. Leitação. Alimentação artificial. Preconceitos ridículos e prejudiciais. Higiene infantil. Importância da alimentação e reprodução na vida humana — Leituras.

Biologia: Noções sumaríssimas sobre a origem da vida. A geração espontânea e a síntese da matéria viva.

História; na antiguidade. Período experimental. Redi. Os infinitamente pequenos. Leuwenhoeck, Buffon e Needham — Spallan Zani — Schwamm — Needham. Experiências de Schultze, de Schroder e de Dusch-Pasteur e Pouchet. Síntese da matéria viva. Substância viva. Diversas teorias relativas à origem da vida. As diversas ciências e as origens da vida. Movimento nos seres vivos. Produção da luz, calor e electricidade. Crescimento. Nutrição. Escolha do alimento. Nutrição das plantas e dos animais. Respiração. Transformações das substâncias absorvidas. Assimilação e desassimilação. Eliminação. Secreção. Excreção. Reprodução. Geração assexuada. Conjugação. Fecundação. Evolução. Sensibilidade e morte. Matéria viva e bruta.

Física: Movimento; inércia. Forças; sua avaliação, composição e decomposição. Trabalho, potência. Sistema C. G. S. Resistência. Espécie de movimentos; vibrações sonoras caloríficas e luminosas. Éter; sua condensação e rarefacção. Electricidade: estática e dinâmica. Magnetismo.

Massa e peso. Gravidade. Queda dos corpos. Força centrífuga centripeda e tangencial. Determinação do centro da gravidade.

Equilíbrio. Centro de gravidade dos animais. Plano inclinado. Deslocação do centro da gravidade. Pêndulo. Aplicação do pêndulo ao relógio. Conhecimento mecânico do relógio. Pêndulo compensador. Gravitação universal. Leis físicas. Diversas formas de energia. Transformações da energia. Movimentos do corpo humano.

Só para o curso especial:

Transformações de movimentos. Máquinas simples. Alavancas. Sistema de alavancas.

Balanças, roldanas, sarilho, cabestante, molinete, macaco, bate-estacas, correias sem-fim. Engrenagens. Rodas de contacto. Guindaste. Parafusos sem-fim. Cunhas. Motores hidráulicos. Nomenclatura de algumas peças de máquina a vapor: máquina de acção directa, de cilindro oscilante, de balanceiro. Turbinas a vapor. Martelo pilão. Navios de rodas e de hélice. Locomotivas. Caminhos de ferro, locomóveis. Máquinas de ar quente e de gases explosivos. Motores a álcool e gasolina, etc.

Máquinas eléctricas. Máquina de Grame. Receptora e geradora. Generalidades dos fenómenos de indução. Aplicação da teoria das máquinas de indução. Correntes alternativas. Noções sumárias sobre os alternadores. Transporte de energia por corrente alternativa. Transformação de alternativa em corrente contínua. Motores eléctricos diversos; aplicações. Tracção eléctrica. Carros eléctricos. Contadores de energia eléctrica. (Esquemas pelosh alunos.)

Química: Tteoria atómica. Prática de análise. Análise qualitativa de um corpo da química mineral; investigação da base, do ácido. Análises simples de substâncias alimentares. Substâncias industriais. Análises clínicas (açúcar, albumina, etc.).

SOCIOLOGIA

Território e População — Geografia, História e Educação Social

1.° GRAU

3.ª Turma:

Observação directa e análise do lugar que habitamos, sua configuração, acidentes do solo e respectiva nomenclatura. Orientação.

2.º GRAU

Observação indirecta e por comparação, por meio de quadros, gravuras, bilhetes postais, mapas, cartas e esferas — dos diversos aspectos, proporções e dimensões da superfície da Terra.

Breves noções sobre:

A crosta ou casca terrestre e seu relevo, continentes, ilhas, penínsulas, cabos, etc., montanhas (sua classificação), planícies, vales, etc.

O vulcanismo e seus derivados.

A água e sua distribuição: oceanos, mares, golfos, baías, lagos, etc., rios e geleiras, torrentes e avalanches, etc. Movimento das águas e sua profundidade.

O ar: atmosfera, temperatura, clima, etc. Presses e ventos, nuvens, nevoeiro, chuva, etc.

A leitura de cartas e mapas: coordenadas.

A nomenclatura e respectivos exemplos típicos serão tirados, quando possível, da corografia de Portugal, ilhas adjacentes e colónias portuguesas.

3.º GRAU

Noções sobre:

A terra, sua posição no Universo. Sistema solar. O sol e a Lua. Estrelas cadentes e aerolitos.

Movimentos principais da Terra, causas do dia e da noite, dos equinócios e dos solstícios, das estações, das zonas, dos eclipses. Movimentos da Lua e suas fases. Origem e evolução no planeta Terra. Eras geológicas — Composição interna da crusta terrestre. Modificações da crusta terrestre; agentes externos e agentes internos.

4.º GRAU

Noções sobre:

Geografia botânica.

Geografia zoológica.

Geografia social — Humanidade.

Origens, segundo o transformismo. Sua distribuição pelo globo e aspectos etnográficos que assume. Línguas.

O ser humano e a natureza.

5.º GRAU

Geografia social (continuação).

Geografia económica:

Dos principais produtos alimentícios terrestres e marítimos;

Dos principais produtos têxteis, vegetais e animais;

Dos principais minerais úteis e preciosos;

Dos grandes centros comerciais e industriais. Metrópoles e colónias.

Dos meios de comunicação.

Geografia artística — Brevíssima referência às artes dos diversos países.

Geografia religiosa.

Geografia política.

EDUCAÇÃO SOCIAL

2.º GRAU

Problemas simples tendentes a provocar a observação e o interesse do aluno sobre:

a) os factos sociais que se passam connosco e em volta de nós e para preparação do estudo inteligente da história;

b) a conduta, em geral, dos indivíduos humanos na sociedade — Vida social;

c) o como e o porquê certos modos de conduta são considerados maus e nocivos e outros bons e vantajosos.

3.º, 4.º e 5.º GRAUS

Discussão e apreciação dos factos e condutas sociais da vida diária e crítica demonstrativa e experimental por meio de exemplos e problemas:

Dos actos que praticamos para connosco:

— Da boa ou má conduta: Prazer, perfeição, eficácia. Dor, imperfeição, ineficácia.

— Da relação e correspondência destes termos.

— Do fim das acções: Adaptação de meios para conservar a vida individual e completá-la de modo a desenvolver integralmente as actividades do ser e tendência para a sua máxima expansão intensiva. — Ligação entre antecedentes e consequentes. — Acção boa: a que alcança o fim que se teve em vista. — Acção má (ou imoral), dissoluta: actos desordenados, desligados, desconexos. Exageração; excessos. Divergências entre fins e meios.

— Da relatividade essencial do bom e do mal; no tempo e no espaço.

— Da irreflexão (pura animalidade): inconsciência, automatismo, hereditariedade, instintos, hábito, imitação. Hesitações, falta de precisão, actos antagónicos. Incoerência.
— Da reflexão: consciência, actos raciocinados, escolha, determinação, combinação e proporcionalidade. Previdência; bem presente e bem futuro. Coerência.
— Das sensações, sentimentos e paixões; sua intelectualização.
— Da verdade: fundamento do dever; dignidade.
— Da mentira: covardia; baixeza; dobrês.
— Da formação do critério. Independência de opiniões e de ideias; iniciativa; espírito de continuidade: personalidade; carácter.

Actos que praticamos para com os semelhantes; conduta dos indivíduos entre si. Demonstração exemplificativa:

— Da deficiência das faculdades dos indivíduos para satisfazerem integralmente as suas necessidades. Princípio fundamental da natureza social do ser humano. Sociabilidade.
— Da simpatia: afectos. Justiça.
— Da antipatia: inimizade; aversões. Injustiça.
— Dos conflitos e antagonismos sociais. Interesses; guerras e direito de defesa.

Acções que afectam alternadamente o bem-estar do agente ou dos seus semelhantes:

— Dos actos nocivos à vida doutrem. Egoísmo irracional e racional.
— Dos factos que favorecem a vida doutrem. Bondade; benevolência. Altruísmo.
— Da racionalidade e conexão dos actos recíprocos dos indivíduos e das sociedades.
— Consciência e sanção colectivas.
— Da cooperação: Divisão do trabalho. Associação. Auxílio mútuo. Assistência. Solidariedade. Continuidade social.

HISTÓRIA

3.° GRAU

Usos e costumes (económicos, familiares, artísticos, psicocolectivos, jurídicos e políticos).

Narração episódica e anedótica nas suas três fases: selvagem, bárbara e contemporânea, partindo da observação desta para o estudo daquelas:

A alimentação — colheita de frutos, caça, antropofagia, pesca, pastorícia, cultura dos terrenos, indústrias.

O vestuário de origem vegetal e animal.

A habitação, cavernas, aldeias, lacustres, etc. Habitações grosseiras de madeira, de terra e cal e artísticas.

Transportes — Quanto ao lugar, ao veículo e à força motora.

Propriedade — Comunismo patriarcal, individualismo, comunismo familiar e solidário.

Promiscuidade primitiva, família materna ou matriarcal, paterna ou patriarcal, moderna.

Uniões temporárias, poliandria, poligamia, monogamia. Regime de bens, separação de bens, regime misto, dote.

Arte sensual — Dança, música (vocal e instrumental), coros, poesia, drama, romance.

Arte plástica — Enfeites, adornos, tatuagem, vestuário, modas, monumentos megalíticos, menir, dólmans, etc., estatuária, desenho, pintura.

Arte industrial: em pedra madeira e metais. Cerâmica, arquitectura, engenharia.

Explicação das coisas e dos fenómenos, época religiosa, metafísica e positiva.

Evolução humana no ponto de vista do seu desenvolvimento e aperfeiçoamento subjectivo, sensação, sentimento, intelectualidade, interjecção onomatopeia, linguagem monossilábica, aglutinada e de flexão; ideia, juízo, raciocínio.

Moralidade; regime de guerras. Aborto, infanticídio, parricídio, uxoricídio, condição da mulher, abandono dos velhos e enfermos. Associação, assistência, auxílio mútuo. Afectos e solidariedade.

O direito do mais forte; vingança, instinto de fera. Pena de talião. Crime social e crime individual. Vingança religiosa pecado; castigo de Deus; ordalias, juízos de Deus; duelo judiciário. Penas; penas especiais para crimes especiais. Composição penal, perdas e danos. Escravidão e servidão.

Justiça régia, juízes especiais, tribunais. Censura moral e consciência.

Autoritarismo sanguinário e servilismo canino. Crime de lesa-autoridade política. O poder absoluto e hereditário dos chefes: monarquias, oligarquias. Poder político e sacerdotal. Vida feudal.

Castas e classes; guerreiros e escravos; bramanes, chastrias, vaixas, sudras, eupatridas, oráculos e povo, escravos; patrícios e plebeus; senhores e vassalos, servos da gleba; clero, nobreza e povo; burguesia e proletariado, escravatura colonial.

Pré-história e história. Idades da pedra e dos metais. Antiguidade asiática, africana e europeia. Idade média, moderna e contemporânea. Factos típicos que as separam e distinguem.

4.° GRAU

Manifestação da sociabilidade humana.

Características e história sumária.

— Dos agregados sociais primários naturais:

Horda, tribursipes, gentes, fratrias, curias, clã, arimanias, guildas, etc., povoados, comunas, municípios, cantões. Empresas ou sociedades comerciais: mercados, feiras, lojas, etc.; financeiras: cambistas, bancos, etc. Ligas comerciais; companhias de navegação; monopólios; *trusts*, *cartels*, sindicatos do capital e sindicatos do trabalho; companhias de navegação e de vias férreas.

Família.

Academias de arte e de ciências: Escolas, teatros, museus, etc.

Dos agregados secundários convencionais:

Nações; princípio das nacionalidades. Federações e confederações.

Da humanidade considerada como um superorganismo.

5.° GRAU

História interna das nacionalidades modernas e especialmente da portuguesa.

Suas respectivas organizações e evoluções paralelas e conexas.

6.° GRAU

Síntese da evolução da humanidade e características das suas fases.

Sistemas políticos, doutrinas e instituições.

Sistemas económicos, doutrinas e instituições.

Escolas sociológicas, doutrinas e instituições

Método histórico.

TRABALHOS MANUAIS, ARTÍSTICOS E PROFISSIONAIS

Trabalhos manuais educativos

1.° GRAU

1.° e 2.° Turmas:

Sem auxílio de instrumentos: Papel e cordel.

Dobrar e plissar papel. Confeccionar objectos de papel: pombas, botes, sobrescritos, chapéus, caixas, balões, etc. Trança e cordão.

3.ª Turma:

Entrançar o papel. Confeccionar objectos de papel: Porte-escovas, mesas, tapetes, caixas, etc. Composição de cores. Primeiros exercícios de colagem. Objectos em cordel: seda, sacos, etc. Objectos em verga.

2.º GRAU

Com auxílio de tesoura e colagem.

Trabalhos em papel, cartão, corda, verga.

Recortes de figuras simétricas geométricas e silhuetas. Construções em cartão: cartonagens. Ornamentações. Cópia do natural. Redes, sacos e cestos de verga.

3.º GRAU

Com auxílio de instrumentos. Papel. Cartão e lata.

Ornamentações. Composições. Caricatura a papel. Paisagens a papel de cor e sombra a lápis. Trabalhos de cartonagens; confecção de objectos. Encadernação. Cópia do natural.

Recorte e objectos simples em folha de Flandres, derivados das formas geométricas.

4.º GRAU

Com o auxílio de instrumentos. Trabalhos em papel. Cartão.

Estilização: Ornamentação com estilo. Cópias de obras de arte. Frisos artísticos. Caricaturas. Paisagens e desenhos a papel de cor, sombra a papel.

5.º GRAU (Curso especial)

Trabalhos em arame, lata ou folha de Flandres e ferro. Olaria.

6.º GRAU (Curso especial)

Desenvolvimento dos trabalhos do grau anterior e com feição artística.

DESENHO

1.º GRAU

1.ª Turma:

Desenho, livros, sem modelo, o lápis de cor, provocando o gosto pelo desenho e pelas cores.

2.ª Turma:

Desenhos livres, sem e com modelos de objectos simples de uso comum, a lápis de cor.

Desenhos de memória dos objectos anteriormente desenhados. Crítica e comparação pelo aluno dos seus desenhos de memória para desenvolvimento da memória de linhas e formas. Desenho ambidextro e depois só com a mão esquerda. Traçado de rectas e seus cruzamentos.

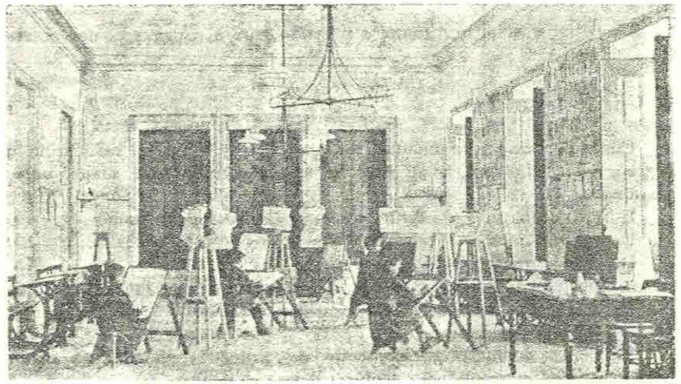
3.ª Turma:

Desenhos livres a lápis de cores, alternados com cópia de objectos simples e de uso comum. Exercícios de desenho de memória.

Desenho ambidextro: Linhas curvas, circunferências, espirais de curva e contracurva.

2.º GRAU

Desenhos livres motivados em assuntos sugeridos pelo professor procurando maior complexidade para desenvolvimento de observação sobre os objectos, embora a cópia não seja exacta, mas legível. As fantasias são



concebidas sobre lições de coisas; sobre temas derivados de historietas, contos e anedotas, respeitantes aos usos e costumes dos diversos povos; cenas de jogos; vida e luta de animais, assuntos familiares, etc., etc.

Desenho, a lápis preto e de cor de objectos de uso comum, de flora e fauna.

Esboço da figura humana, do natural.

Representação das imagens por manchas e aguadas.

Desenho de memória na ardósia e em papel, de objectos desenhados anteriormente.

Desenho ambidextro — Continuação e desenvolvimento de traçados de curvas geométricas: esquemas de folhas, rosáceas e combinações de curvas.

3.º GRAU

Cópia, a lápis preto e de cor de objectos de uso comum, do natural.

Cópia, progressiva, de objectos de maior complexidade de linhas.

Iniciação em pastel.

Esboço do natural, da figura humana e da flora.

Desenho de memória, na ardósia e em papel e discussão dos desenhos de objectos observados fora da aula em excursões artísticas.

Desenho ambidextro — Complicações de curvas, em rosáceas, palmetas, florões, cópia de flora e fauna.

Iniciação na composição decorativa com elementos geométricos, da flora e fauna.

Comparação e demonstração das formas dos objectos com as formas geométricas, acompanhadas de construções de figuras e sólidos geométricos.

Despertar a atenção durante o trabalho para a perspectiva dos objectos a desenhar.

4.º GRAU

Cópia do gesso (ornamental) a claro escuro, fazer, ou esfuminho e negrão, alternada com a de objectos de uso comum de maior complexidade.

Esboço, do natural, da figura humana, da flora e da fauna.

Desenho de memória pelo mesmo processo do grau anterior.

Desenho ambidextro de flora e fauna.

Adaptação ornamental e composição decorativa: mudanças de formas ornamentais com aplicação à modelação e talha, aplicação da flora e fauna, a objectos de fantasia.

Problemas geométricos; elementos de geometria plana e de vulto.

Projecções, sua aplicação a objectos.

Breves noções de perspectiva.

Conhecimento das características dos diversos estilos.

5.º GRAU

Cópia de gessos, ornato e figura, a claro-escuro (carvão, lápis, esfuminho ou pena).

Cópia de figura, do natural, a carvão.
Adaptação ornamental e composição.
Diversidade de estilos. Estilização da flora.
Desenvolvimento do desenho de memória e ambidextro.
Molduras de arquitectura e ordens arquitectónicas.
Perspectiva rigorosa.

6.° GRAU

Composição artística. Cópia de figura do natural.
Desenvolvimento do desenho de memória e ambidextro.
Ordens arquitectónicas.
Perspectiva cavalheira.
Teoria das sombras.

Nota — Do 4.° grau em diante, inclusive, o aluno especializar-se-á no género de desenho que for mais conexo com a profissão que seguir.

MODELAÇÃO

1.° GRAU

1.ª Turma:

Primeiros exercícios em barro, rolos, bolas, rectângulos e outras formas.

2.ª Turma:

Modelação livre e de memória em vulto e objectos de uso comum.

3.ª Turma:

Os mesmos trabalhos da 2.ª turma.

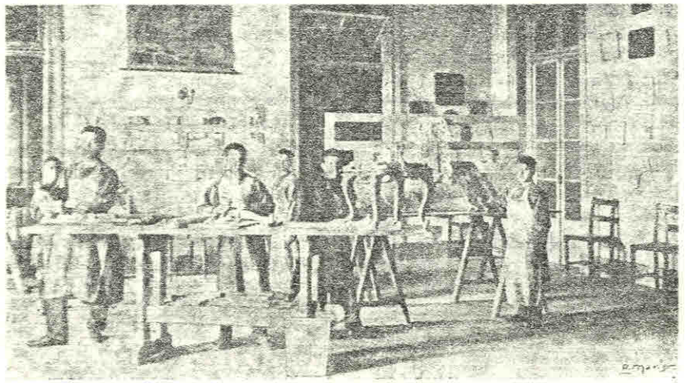
2.° GRAU

Cópia de frutos e objectos simples.
Apelo à observação do aluno para as formas de cerâmica; adaptação ornamental, ao gosto e fantasia do aluno.

Nota — Estes trabalhos devem começar pelas formas poliédricas e redondas.

3.° GRAU

Cópia de objectos de uso comum e de objectos de formas complicadas e de motivos da flora e fauna.
Cópia de trechos ornamentais e diversos estilos característicos.
Confecção e decoração de vasos cerâmicos.
Modelação livre em vulto e em relevo, de assuntos tirados na natureza. Fundição em gesso dos respectivos trabalhos (forma perdida).



4.° GRAU

Cópia de gesso (ornamental) e de figura. Trabalhos sobre diversos estilos. Composição, adaptação. Fundição em gesso (forma perdida).

5.° GRAU (só profissional)

Modelação em barro e cera das composições previamente desenhadas com aplicação à talha e mobiliário. Diversidade de estilos, estilização da flora.
Modelação em barro, da figura humana. Fundição, por forma perdida, em gesso, e processos de reprodução em formas de cera e gelatina.

6.° GRAU (só profissional)

Em barro e cera. Aplicação à talha e a ferragem, para móveis.
Formação como no grau anterior, e primeiras noções de formas a
Especialidades só para o curso de escultor-estucador (aulas diárias).

EM MADEIRA — MARCENARIA

1.° GRAU

2.ª Turma:

Trabalhos a canivete, serrote e serra em madeira macias: carros, caixas, botes, etc.
Nomenclatura e aplicação da ferramenta.

3.ª Turma:

Serrar, aparelhar, emalhetar, juntar e grudar. Furar e recortar à mão. — Caixas de sal, de talheres, tabuleiros, candeeiros, prateleiras, etc.

2.° GRAU

Respigar, juntar, engradar, armar moldurados simples e grudar.
Medição das madeiras, densidade das madeiras empregadas no mobiliário e suas diversas espécies. Recorte à máquina.

3.° GRAU

Desenvolvimento e aperfeiçoamento dos trabalhos do grau anterior. Construir — Perfis — Torno.

4.° GRAU (profissional)

Carpintaria (Boiseries), Construção: pequenos móveis. — Ornamentos: material (custo). Tempo de trabalho; valor industrial. — Torno.

5.° GRAU (profissional)

Desenvolvimento do grau anterior: Folhear, polir, encerar e infusão. Torno.

6.° GRAU (só para o curso de marceneiro)

Construção de vários móveis.

6.° GRAU (só para o curso de torneiro)

Torno.

TALHA

1.° GRAU

3.ª Turma:

Iniciação do golpe. Cavados. Pequenos objectos com cavados (tinteiros, molduras, etc.) Conhecimento e aplicação das ferramentas.

2.° GRAU

Gravura a esgache e goiva de formas geométricas, aplicáveis e de folhas, e flores de recorte simples. Guarnições com aplicações simples (molduras, cantoneiras, cofres, mesas, prateleiras, etc.).

3.° GRAU

Desenvolvimento dos trabalhos do grau anterior e trabalhos simples de ornamentação em objectos feitos na aula de marcenaria.
Gravura em baixo-relevo.

4.° GRAU (só profissional)

Cópia em madeira de folhas, flores, etc., e dos motivos feitos em modelação pelo aluno.

5.° GRAU (só profissional)

Trabalhos de talha aplicável ao mobiliário.

6.° GRAU (só para o curso de entalhador)

Cópia de trabalhos artísticos. Composição artística.

ANEXO 2

Condições para admissão de alunos (1914)

I

1.ª — Só se admitem crianças analfabetas cujos pais reconhecidamente não possam pagar a sua educação e cuja idade em 1 de Janeiro de 1915 seja 7 anos, com tolerância de um ano incompleto para mais ou menos.

2.ª — São motivos de não admissão: anomalias importantes dos sentidos ou da fala e, em geral, deformidades que impeçam a criança de aproveitar da educação de uma escola para normais; doenças contagiosas ou acentuadas disposições para elas.

3.ª — A matrícula é gratuita e realiza-se em Dezembro de 1914 depois da inspecção médica feita na Escola.

4.ª — A matrícula é feita provisoriamente por três meses durante os quais o aluno fica sujeito a um regime de observação médico-pedagógica. Se após esse período for considerada inconveniente a sua permanência na Escola, para esta ou para o aluno, a matrícula será anulada. No caso contrário ser-lhe-á convertida em definitiva ficando, todavia, sempre subordinado às consequências do seu procedimento ulterior.

5.ª — Desde que um menor seja matriculado, só poderá frequentar a Escola depois de apresentar documento autêntico que prove a idade indicada no requerimento.

6.ª — A família do aluno tem de declarar por escrito, ao Presidente da Direcção da Sociedade Promotora de Escolas, todos os anos, na primeira quinzena de Dezembro, se pretende que ele continui a frequência no ano escolar seguinte. Quando não haja declaração escrita entender-se-á que o aluno não continua e a sua vaga será imediatamente preenchida.

7.ª — A Escola-Oficina n.° 1 da Sociedade Promotora de Escolas é uma escola de Ensino Primário Integral cujo curso completo é desenvolvido em seis graus de ensino essencialmente prático. Por isso, devendo servir para os que recebam como única educação a que ela fornece e para os que pretendam dedicar-se a estudos mais desenvolvidos em outras escolas, tem, a partir do 4.° grau do seu programa, uma parte de Aprendizado Profissional para os primeiros e um desenvolvimento especial do Curso Primário para os segundos. Assim, terminando o 3.° grau, o aluno deve declarar por escrito qual dos cursos pretende seguir.

II

8.ª — Na Escola-Oficina n.° 1 não há exames. No fim de cada ano faz-se uma exposição do trabalho dos alunos, por onde se avalia o trabalho realizado por cada um.

9.ª — As certidões dos 3.° e 6.° graus da Escola-Oficina n.° 1 equivalem para todos os efeitos legais às certidões dos 1.° e 2.° graus, respectivamente, da Instrução Primária oficial.

III

10.ª — O ano lectivo começa na primeira semana de Janeiro e termina na primeira quinzena de Dezembro, excepto para o 6.° grau do Curso Especial, que termina na última quinzena de Setembro.

11.ª — As aulas funcionam todos os dias úteis, em conformidade com os horários estabelecidos em cada época escolar.

12.ª — São feriados, além dos domingos e feriados oficiais:

— Os dias 1 e 18 de Maio.
— A última quinzena de Dezembro.

IV

13.ª — A Escola fornece gratuitamente, além da devida educação, todo o material escolar necessário ao ensino, as blusas de trabalho e o vestuário para sair com a Escola.

14.ª — Os alunos indemnizarão a Escola de todos os danos, não considerados involuntários, que causarem nas paredes, móveis, material de ensino, etc., sendo-lhes facultativo repor no estado anterior a coisa danificada ou pagar a despesa que o dano ocasionar.

V

15.ª — Todos os alunos, sem excepção alguma e quaisquer que tenham sido as condições da sua admissão, estão sujeitos aos mesmos direitos e obrigações e são tratados e considerados igualmente.

16.ª — Os alunos devem apresentar-se sempre asseados, de corpo e de roupas, e com o cabelo curto. Cumpre-lhes a limpeza e o concerto das suas blusas e o vestuário de passeio, sempre que seja necessário. Cumpre-lhes igualmente a arrumação do material de ensino e das oficinas qu frequentarem.

17.ª — As faltas do aluno têm de ser justificadas pela família, não podendo ele entrar na Escola depois de uma falta sem trazer a respectiva justificação escrita.

18.ª — Será eliminado o aluno que, sem ser por doença ou por licença prévia da Direcção, durante um ano tiver numa disciplina:

60 faltas na 1.ª ou 2.ª classe do 1.° grau.
40 faltas na 3.ª classe do 1.° ou 2.° grau.
30 faltas no 3.° ou 4.° grau.
20 faltas no 5.° ou no 6.° grau.

19.ª — Nenhum aluno pode repetir mais de uma vez qualquer grau ou classe de grau.

20.ª — Nenhum aluno poderá frequentar a Escola desde que tenha completado 17 anos — salvo quando até três meses para concluir o curso.

21.ª — Os alunos quando tiverem mau comportamento ficam apenas sujeitos, além da censura do professor:

— à censura de um Director da Escola.
— à suspensão.
— à expulsão.

A expulsão efectua-se depois de três suspensões durante um ano lectivo ou em caso de falta grave.

22.ª — O aluno que deixar de frequentar a Escola, seja por que motivo for, perde todos os seus direitos.

VI

23.ª — O produto da venda dos trabalhos do aluno, depois de deduzido o valor das matérias-primas gastas, será assim dividido:

10 % para a conta das ferramentas da Escola.
10 % para «A Solidária».
80 % para o aluno.

Da quantia que pertence ao aluno, ser-lhe-ão entregues ⅗ logo que se liquide a venda; os ⅖ restantes ser-lhe-ão entregues, em ferramentas ou material escolar, quando concluir o curso. Quando o aluno sair da Escola, seja qual for o motivo, antes de concluir o curso, esses ⅖ reverterão a favor de «A Solidária», associação dos alunos da Escola-Oficina n.º 1.

Para os alunos do 1.º grau não é descontado o valor da matéria-prima, sendo-lhe entregue a importância integral da venda do trabalho.

24.ª — No fim de cada ano lectivo avaliar-se-á, pelo tempo empregado na execução das obras, o valor da hora de trabalho de cada aluno que seja sócio de «A Solidária» e, na primeira quantia que tiver de receber, ser-lhe-á descontado o valor de 50 horas, cuja importância será entregue àquela associação.

VII

25.ª — Os requerimentos para admissão devem ser dirigidos ao Presidente da Direcção da Sociedade Promotora de Escolas até 15 de Novembro, sendo os presentes impressos distribuídos desde o começo do mesmo mês.

26.ª — Os requerimentos são numerados pela ordem por que são recebidos na secretaria da Escola.

27.ª — Os pretendentes são chamados pela seguinte ordem de preferências:

1.ª A maior aproximação da idade de 7 anos em 1 de Janeiro. Entre duas crianças cujas idades distem igualmente, uma para mais outra para menos, daquela idade, será preferida a mais velha.

2.ª A maior aproximação da normalidade fisiológica.

3.ª A ordem da entrada dos requerimentos na secretaria.

28.ª — Os requerimentos não atendidos para um ano escolar não são válidos para o ano escolar seguinte.

ANEXO 3

Número de sócios

1877	496	1940	?
1878	527	1941	617
1879	661	1942	693
1880	565	1943	?
1881	511	1944	779
1882 a 1904	?	1945	?
1905	247	1946	756
1906	273	1947 a 1948	?
1907	468	1949	871
1908	720	1950	765
1909	911	1951	782
1910 a 1913	?	1952	755
1914	900	1953 a 1955	?
1915 a 1929	?	1956	662
1930	600	1957 a 1972	?
1931 a 1936	?	1973	428
1937	633	1974 a 1980	?
1938	574	1981	299
1939	598		

ANEXO 4

Presidentes da Assembleia Geral

José Gregório da Rosa Araújo
Vitorino Estrela Peixoto Braga
António Augusto Pereira de Miranda

Sebastião Costa Santos
Maurício Costa
Mariano dos Santos Roque Laia
Eusébio Nunes Delisle
Luís Gonçalves Rebordão
Luís Ernâni Dias Amado
José Magalhães Godinho

Presidentes da Direcção

Joaquim José Alves
José Joaquim Ferreira Lobo
João Carlos de Oliveira
Luís Filipe da Mata
Eduardo Alberto de Lima Basto
José Belmiro de Araújo Regalo
António Sales de Macedo
Sebastião Costa Santos
Herculano Jorge Galhardo
Joaquim Nunes de Almeida
Mariano dos Santos Roque Laia
Eusébio Nunes Delisle
Eduardo Augusto de Faria
João Gonçalves Martins
Edmundo Dias (*a*)
Armando Adão e Silva
Carlos Ernesto de Sá Cardoso
António dos Santos Marcelino Mesquita.

(*a*) Durante o período que foi presidente, e dadas as frequentes ausências para fora do país, a administração da Escola esteve praticamente a cargo do secretário Américo Amorim Leitão e do tesoureiro Luís Augusto de Campos.

Presidentes do Conselho Fiscoal

José Baptista de Andrade
Apolinário Pereira
José Maria Pereira
Joaquim Ramos Simões
Manuel Gomes de Amorim
Luís Filipe da Mata
António Luís Ribeiro Júnior
José Belmiro de Araújo Regalo

Alexandre Correia
Eduardo Alberto de Lima Basto
Eusébio Nunes Delisle
Eugénio Cândido Maleitas
José de Oliveira Ferreira Dinis
Armando Adão e Silva
Gustavo Soromenho
José Eduardo Simões Coimbra

Directores Pedagógicos

Luís da Mata
Adolfo Lima
César Porto
António Lima
Anémona Basto
Lucinda Pina Lopes

BIBLIOGRAFIA

Actas, relatórios e contas existentes no arquivo da Escola-Oficina n.º 1.

Estatutos da Sociedade Promotora de Creches, da Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas, e da Sociedade Promotora de Escolas.

Discurso inaugural da creche de Santa Eulália, fundada no bairro oriental de Lisboa pela Sociedade Promotora de Creches pronunciado no dia 10 de Novembro de 1878 pelo cónego Augusto António Teixeira, Lisboa, 1878.

Opiniões de pedagogos, homens de ciência, literatos e estudiosos acerca da Escola-Oficina n.º 1, exaradas no livro dos seus visitantes e publicadas em alguns jornais. Lisboa, Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas, 1912.

Primeiro Congresso Pedagógico da Instrução Primária e Particular realizado em Abril de 1908. Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1909.

Ilustração Portuguesa, n.º 219, de 2 de Maio de 1910.

Semanário *Avante*, de 25 de Dezembro de 1910.

A Capital, de 16 de Novembro de 1911.

El Liberal (Sevilha), de 10 de Abril de 1912.

Diário Popular, de 6 de Setembro de 1960.

Testemunho oral da Sr.ª D. Deolinda Lopes Vieira Quartim, professora de português na Escola-Oficina n.º 1 em 1912, e de 1915 a 1917, e da Sr.ª D. Lucinda Pina Lopes, actual directora pedagógica da Escola e professora desde 1938.